

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MARCELO FERREIRA CARDOSO

NEOATEÍSMO: PRINCIPAIS CONCEITOS E IMPLICAÇÕES NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

MARCELO FERREIRA CARDOSO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 02/12/2019.

NEOATEÍSMO: PRINCIPAIS CONCEITOS E IMPLICAÇÕES NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA



Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Prof. Valdir Stephanini

Vitória - ES
2019

Cardoso, Marcelo Ferreira

Neoteísmo / principais conceitos e implicações na sociedade contemporânea / Marcelo Ferreira Cardoso. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

vi, f. 80; 31 cm.

Orientador: Valdir Stephanini

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

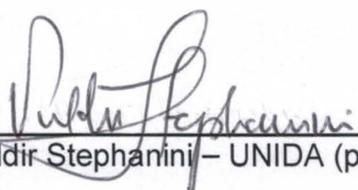
Referências bibliográficas: f. 75-80

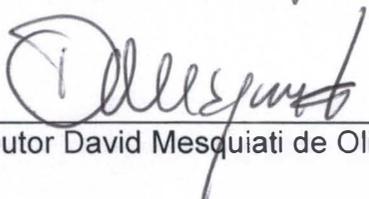
1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Ateísmo.
 4. Neoteísmo. 5. Neodarwiniano. 6. Hedonismo. 7. Ascese.
 8. Espiritualidade. - Tese. I. Marcelo Ferreira Cardoso.
- II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

MARCELO FERREIRA CARDOSO

NEOATEÍSMO: PRINCIPAIS CONCEITOS E IMPLICAÇÕES NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.


Doutor Valdir Stephanini – UNIDA (presidente)


Doutor David Mesquiati de Oliveira – UNIDA


Doutor Erico Tadeu Xavier – SALT

RESUMO

Esta dissertação tem por finalidade mostrar que o neoateísmo tem trazido à sociedade contemporânea uma proposta mais atuante e militante de ateísmo e contribuído na conversão de mais simpatizantes e adeptos a mensagem ateia. Quais os principais conceitos e pensamentos que norteiam o ateísmo moderno? Que ações e implicações têm contribuído para o avanço da aceitação do movimento ateu e o rompimento do preconceito que sempre a descrença em Deus ou no transcendente carregou ao longo da história? Esses foram os pontos principais que direcionaram esta pesquisa. O objetivo deste trabalho é apresentar uma sucinta explicação do neoateísmo, sua origem e uma correta definição, além de expor os principais pensadores neoateus e suas contribuições para a causa na atualidade. Os objetivos específicos são: Conceituar e buscar a origem do ateísmo e neoateísmo ao longo da história; apresentar os seis principais percussores do neoateísmo e como auxiliam para o crescimento do movimento; e, apontar as implicações que o novo ateísmo tem causado na sociedade e no panorama religioso atual. A pesquisa caminha para a necessidade de se conhecer mais profundamente o ateísmo moderno, assunto pouco trabalhado na academia, e trazer assim, mais conhecimento para que pessoas deixem o preconceito e reconheçam o movimento como aceitável. A metodologia aplicada foi a revisão bibliográfica a partir do estudo sobre ateísmo e neoateísmo na sociedade contemporânea, através de seus principais autores, a saber: Richard Dawkins, Sam Harris, Christopher Hitchens, Daniel Dennett, Michel Onfray e André Comte-Sponville.

Palavras-chave: Ateísmo, Neoateísmo, Neodarwiniano, Hedonismo, Ascese, Espiritualidade.

ABSTRACT

This dissertation aims to show that new atheism has brought to contemporary society a more active and militant proposal of atheism and contributed to the conversion of more sympathizers and followers of the atheist message. What are the main concepts and thoughts that guide modern atheism? What actions and implications have contributed to the advance of the acceptance of the atheist movement and the breaking of prejudice that always the disbelief in God or in the transcendent has carried throughout history? These were the main points that drove this research. The aim of this paper is to present a succinct explanation of new atheism, its origin and a correct definition, as well as to expose the main new atheism thinkers and their contributions to the cause today. The specific objectives are: To conceptualize and seek the origin of atheism and new atheism throughout history; present the six main precursors of new atheism and how they contribute to the growth of the movement; and point out the implications that the new atheism has had on society and the current religious landscape. The research leads to the need to know more deeply modern atheism, a subject little worked in the academy, and thus bring more knowledge so that people leave prejudice and recognize the movement as acceptable. The applied methodology was the bibliographical revision from the study on atheism and new atheism in contemporary society, through its main authors, namely: Richard Dawkins, Sam Harris, Christopher Hitchens, Daniel Dennett, Michel Onfray and André Comte-Sponville.

Keywords: Atheism, New atheism, New darwinian, Hedonism, Asceticism, Spirituality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO ATEÍSMO.....	13
1.1 Ateísmo, conceituação e história.....	14
1.2 A gênese do neoateísmo.....	20
1.3 Neoateísmo, o resgate do ateísmo da marginalidade.....	23
1.4 A visão dos religiosos sobre o neoateísmo.....	24
2 OS PRINCIPAIS EXPOENTES DO NEOATEÍSMO INGLÊS.....	31
2.1 A proposta do novo ateísmo.....	32
2.2 Os quatro brights anglo-saxões do neoateísmo.....	33
2.2.1 O primeiro bright – Richard Dawkins.....	34
2.2.2 O segundo bright – Daniel Dennett.....	38
2.2.3 O terceiro bright – Christopher Hitchens.....	41
2.2.4 O quarto bright – Sam Harris.....	45
3 IMPLICAÇÕES DO NEOATEÍSMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	51
3.1 A Revolução Francesa e o ateísmo moderno.....	51
3.2 Espiritualidade no neoateísmo.....	53
3.2.1 Michel Onfray, ascetismo hedonista.....	57
3.2.2 André Comte-Sponville e a espiritualidade ateia.....	64
3.3 Efeitos do neoateísmo sobre as religiões monoteístas.....	68
CONCLUSÃO.....	72
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

Em meio à espessa floresta que abrange uma parcela das terras peruanas, escuta-se o mover fraco de um pequeno córrego escondido longe de qualquer ponto civilizatório próximo e que rasga de forma desprentensiosa a grande selva. Aquilo que a princípio começa como um humilde filete de água brotando do solo, aparentemente sem forças para vencer a aridez em alguns pontos e demonstrando que poderá desaparecer a qualquer momento engolido pela força da própria natureza, passa diante da sua teimosia em vencer todas as barreiras naturais que atropelam o seu avanço e se somando a outras tributárias fontes de água e novos córregos que se encontram pelo caminho, acabam se multiplicando de filete em filete em um aumento gradual até se tornar progressivamente em um caudaloso rio, conhecido pelo nome de Solimões. Ao atingir o marco que divide as fronteiras entre o Peru e o Brasil, o Solimões segue avançando sua linha natural, alargando suas margens, aprofundando seu leito e recebendo águas de um número considerável de afluentes, multiplicando assim sistematicamente seu volume hídrico. Todo este esforço da natureza demonstra a razão de tanto trabalho, quando centenas de quilômetros desde o seu começo como uma tímida fonte d'água na selva peruana e o abastecimento de milhares de afluentes se transforma em um dos maiores rios do mundo, o Amazonas.

Do desenvolvimento quase insignificante do veio de água brotando no solo nas florestas peruanas e sua maravilhosa transformação no imenso rio Amazonas, extrai-se uma analogia sobre as principais razões que motivam esta pesquisa a navegar nas águas tortuosas do objeto de estudo e que tem progressivamente ao longo da história vencido as barreiras do preconceito e ganhado mais adeptos, fala-se aqui do ateísmo, ou mais precisamente, do neoateísmo.

Atualmente o autor desta pesquisa atua como pastor de tempo integral e percebe empiricamente o crescimento numérico de pessoas que simplesmente se dizem ateias ou aquelas que eventualmente não professam nenhuma religião, sendo chamados de “sem religião”¹. Há no ambiente religioso uma velada e contrariada percepção de que o ateísmo tem experimentado um significativo crescimento no número de adeptos nos últimos tempos, em um primeiro momento pode-se achar um exagero considerar como crescimento relevante o percentual de ateus em relação a população mundial, mas se tratando de crescimento absoluto,

¹ O censo de 2010 do IBGE definiu os “sem religião” como aqueles/as que mantêm a fé em Deus ou em algum outro tipo de força transcendente, mas que não se declaram adeptos/as e pertencentes a nenhuma religião específica.

nota-se que o ateísmo tem se desenvolvido mais que qualquer religião atual. De acordo com a Pew Research Center, reconhecido instituto de pesquisas e informações estadunidense, que estuda tendências e atitudes sociais e que geram implicações em áreas como: política, economia, sociologia e religião no mundo², o ateísmo nos Estados Unidos tem dobrado percentualmente o seu número de adeptos nos últimos anos, enquanto na Europa ele alcança incríveis 18% da sua população, chegando a países como a França com uma taxa de 33%.³ Já no Brasil, Mariano ressalta que no último censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE), os ateus eram representados por apenas 0,3% em relação ao somatório geral da população brasileira. Porém, ainda segundo ele mesmo afirma, há uma previsão de crescimento para o próximo levantamento na ordem de 2,0% para os declaradamente ateus.⁴

Deste fenômeno, destaca-se a necessidade de conhecer as causas que têm impulsionado seu avanço e como se dá o engajamento cada vez maior de pessoas adeptas a ideia da descrença em Deus e do sobrenatural no cenário atual, contribuindo sobremaneira para um entendimento da sociedade contemporânea vigente frente a religião e suas variadas crenças ou não em divindades.

Que impactos e implicações fenomenológicas o ateísmo moderno tem causado na sociedade contemporânea e diretamente no universo religioso? Tem sido perceptível e comum encontrar pessoas que se declaram ateias, sendo a maioria dessas, entre adolescentes e jovens. Será que o neoateísmo, como proposta de um novo movimento ateu, tem influenciado para que haja esta ascensão no número dos que se dizem ateus hoje?

Salienta-se que o neoateísmo é considerado um movimento social, político, cultural e principalmente antirreligioso, que teve seu início no começo do ano 2000 em favor do ateísmo, do secularismo e do racionalismo. É promovido por autores ateus que defendem suas ideias a partir de interpretações científicas de que as religiões não devem ser simplesmente toleradas, mas efetivamente combatidas.⁵

Para tanto o trabalho intentará uma abordagem sobre os principais propagadores do ateísmo na atualidade, através do que hoje é chamado de neoateísmo, e como suas atuações beligerantes através de suas principais obras têm realmente contribuído para esse objetivo.

² About Pew Research Center. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/about/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

³ KOOP, Thomas. Not all nonbelievers call themselves atheist: atheist and no religiou. *Pew Research Center*. Washington, 2 abr. 2015. Disponível em: <www.pewforum.org/Not-All-Nonbelievers-Call-Themselves-Atheists.aspx>. Acesso em: 30 mai. 2019.

⁴ MARIANO, Francisco. Mudanças no campo religioso Brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 12-19, 2013, p. 14.

⁵ HOPPER, Simon. *The rise of the 'New Atheists'*. CNN International. Washington, 9 nov. 2006. Disponível em: <www.cnn.com/2006/WORLD/europe/11/08/atheism.feature/index.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Outro ponto a ser investigado será a importância ou não do desenvolvimento da espiritualidade mesmo em pessoas declaradamente ateias ou não religiosas. Segundo Freixes, espiritualidade sempre foi considerado um patrimônio restrito às tradições religiosas, principalmente nas chamadas religiões abraâmicas⁶, mas isto tem experimentado mudanças e hoje já existem partes do ateísmo moderno que evocam a possibilidade da prática de uma chamada espiritualidade ateística.⁷ Para tanto, a pesquisa confrontará os principais nomes do ateísmo das duas escolas vigentes de pensamento ateu, a inglesa e a francesa.

Há muitos trabalhos já realizados sobre religiões e suas interações nas diversas e diferentes áreas, porém, pesquisas em ateísmo não se encontram na mesma proporção no meio acadêmico. Ressalta-se introdutoriamente que a escolha do tema leva em consideração a relevância e o abalo que o assunto tem para a práxis da religião. Além da ausência de uma quantidade maior de pesquisas sobre tal objeto, onde normalmente neste ambiente de estudo procura-se em um primeiro momento o conhecimento e posterior aprofundamento das diferentes propostas religiosas já existentes e em muitos casos ainda encontradas como religiões atuantes.⁸ Sabe-se que o ateísmo tem como pensamento primordial a contraposição a qualquer forma de crença em divindades e destarte se opondo aparentemente em primeira medida a todas as religiões e suas manifestações, cabe investigar o processo do neoateísmo como novo conceito vigente do ateísmo na atualidade e a identificação do que tem contribuído para seu desenvolvimento é de suma importância para as Ciências da Religião.⁹

Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica ou revisão literária.¹⁰ O motivo do uso de tal método é a implicação no levantamento da bibliografia referente ao assunto que se deseja estudar¹¹, neste caso, o neoateísmo ou ateísmo moderno, estabelecendo um processo formal para a obtenção de conhecimento sobre a

⁶ As chamadas religiões abraâmicas seriam as três principais religiões monoteístas vigentes no mundo e que tem em comum o reconhecimento de que Abraão, seria o patriarca escolhido para ensinar ao mundo a necessidade de adoração a um único Deus. Por ordem cronológica de fundação têm-se: judaísmo, cristianismo e islamismo.

⁷ FREIXES, Francesc Torradeflot. Espiritualidad laica y espiritualidad atea. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 716-745, 2014, p. 717.

⁸ LUCHI, José Pedro. *O lugar das religiões numa sociedade pós-secular*: discussão da perspectiva de J. Habermas. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da (Org.) *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 232.

⁹ AZEVEDO, Israel Belo de. *O prazer da produção científica*: passos práticos para a produção de trabalhos acadêmicos. 13. ed. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 107.

¹⁰ CHAGAS, Arnaldo. *Produção de textos acadêmicos*: dos batidores à elaboração do texto. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2014. p. 18.

¹¹ MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica*: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 30.

realidade, exigindo pensamento reflexivo e tratamento científico¹², contribuindo assim significativamente para a pesquisa.

As ciências modernas foram estabelecidas sobre um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que possibilitam o acesso às relações casuais permanentes entre os fenômenos de pesquisa.¹³ Medeiros apresenta que a pesquisa em Literatura, Linguística, Filosofia, Pedagogia e Ciências Humanas de modo geral exige a aplicação de metodologia e técnicas apropriadas e assim, o método será semelhante ao utilizado em outras ciências sociais: a observação, a interpretação e a comparação.¹⁴ Além disso, o método caracteriza-se como documentação indireta¹⁵, compondo de fonte secundária e vale-se do método dedutivo (do geral para o específico) para a construção do referencial teórico de base.¹⁶ Desta forma o uso das técnicas será na busca de dados que se fará através de acurada pesquisa bibliográfica por meio de livros, revistas e artigos de importante interesse para o trabalho.¹⁷

Destaca-se para compreensão, que o foco principal do objeto de estudo estará no final do século XX onde se deu início o movimento neoateu¹⁸ e começo do presente século, até o fechamento deste trabalho. Todavia, para uma percepção mais ampla, não há como negligenciar o fato de que muito antes, a partir do século XVI o mundo ocidental já começava a experimentar mudanças drásticas nas formas de crenças com o surgimento do Iluminismo e todas as alterações sociais, culturais e de pensamento que o mundo passou a experimentar com o sonho de uma sociedade mais racional. Desde então, houve um florescimento do ateísmo tomando diferentes formas no decorrer dos séculos seguintes.¹⁹ Botton afirma que neste período da história encontra-se um fator de ruptura com a maneira de crer das religiões e uma grande mudança epistemológica na consciência ocidental, facilitando o surgimento de uma nova linha de pensamento onde se negava a crença no extraordinário e conseqüentemente em um Deus sobrenatural e pessoal. A dúvida e o questionamento passaram a ser aceitáveis e vistas como um instrumento intelectual. Porém, no século XXI com o ateísmo moderno é

¹² MEDEIROS, 2014, p. 36.

¹³ SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016. p. 112.

¹⁴ MEDEIROS, 2014, p. 30.

¹⁵ MEDEIROS, 2014, p. 38.

¹⁶ CHAGAS, 2014, p. 19.

¹⁷ MEDEIROS, 2014, p. 39.

¹⁸ DAWKINS, Richard. *The God delusion*. London: Bantam Press, 2006. p. 58.

¹⁹ LUCHI, 2014, p. 239.

experimentado uma forma mais atuante e destacada do afloramento do ceticismo²⁰, sendo deste ponto que orbitará a maior parte do trabalho.

Parte do referencial teórico terá como base as obras dos seis principais autores do neoateísmo, a saber: Richard Dawkins, Sam Harris, Christopher Hitchens, Daniel Dennett, do lado inglês, Michel Onfray e André Com-Sponville do lado francês. Para os demais temas correlatos utilizou-se de autores como, Charles Darwin, Friedrich Nietzsche, Max Weber e Michel Foucault.

O trabalho está dividido em três partes bem definidas e claras, como em um mosaico onde cada peça ou imagem secundária é importante para a visualização da imagem principal. O primeiro capítulo inicia-se com a apresentação do conceito de ateísmo e suas primeiras aparições na história, apresenta-se uma explicação do que é neoateísmo como fenômeno, seu surgimento e contribuição para o crescimento do ateísmo. Por fim, busca-se a visão de diferentes religiosos sobre o fenômeno neoateu.

No segundo capítulo o foco estará na apresentação dos principais expoentes do neoateísmo inglês, a saber: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris. Se Abordará as diferentes linhas de pensamento e conceitos filosóficos destes autores, sendo dedicado um espaço para apresentar como cada um deles contribuiu tão significativamente para tornar o neoateísmo incisivo em sua disseminação e ação proselitista. Dawkins será apresentado como o principal precursor do neoateísmo e biólogo por formação, por esta razão encontra-se em suas obras a ideia da evolução dos genes²¹, sendo um ferrenho defensor das ideias evolucionistas de Darwin²² e ponderador sobre os principais pensamentos do ateísmo moderno. Na sequência apresenta-se o filósofo Daniel Dennett, reconhecido como um dos mais proeminentes ateus da atualidade²³ e fervoroso defensor, assim como Dawkins, do evolucionismo pela escola da seleção natural.²⁴ Segue posteriormente com Christopher Hitchens, autor de vários livros e artigos sobre ateísmo, conhecido como um dos mais algozes combatentes do islã, sua principal obra: *Deus não é grande*, é conhecida como a Bíblia do neoateu.²⁵ Por último, Sam Harris, neurocientista e outro ativista neoateu será mencionado por

²⁰ BOTTON, Alain de. *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre as utilizações da religião*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. p. 41.

²¹ DAWKINS, Richard. *A escalada do monte improvável: uma defesa da teoria da evolução*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 38.

²² DAWKINS, 2006, p. 77.

²³ BAPTISTA, Paulo Agostinho. Espiritualidades não-religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 26-48, 2014, p. 27.

²⁴ DENNETT, Daniel C. *Darwins dangerous idea: evolution and the meanings of life*. London: Simon & Schuster, 1996. p. 226.

²⁵ FERREIRA, Amauri Carlos. Viver sem Deus e sem religião: a vida possível no ateísmo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 47-61, 2010, p. 50.

sua extraordinária contribuição no combate a qualquer forma de religião, acrescentando que toda religião é especialmente cheia de ideias más,²⁶ contudo valorizando a necessidade de espiritualidade no ateísmo.²⁷

Na última parte será dedicada especial atenção à influência que a Revolução Francesa deu ao ateísmo pela promoção do distanciamento da igreja do Estado e promovendo o livre pensamento. Além da abordagem de um dos temas mais controversos no movimento, o hedonismo asceta e espiritualidade ateia. Para tanto, dois pensadores da escola de pensamento filosófico francês serão apresentados: Michel Onfray, que trata particularmente do ascetismo e do hedonismo, afirmando que o ser humano deve buscar a satisfação a qualquer preço, recusando-se a fazer qualquer concessão à tradição religiosa e propondo uma filosofia libertária do tipo hedonista ascetista²⁸, enquanto por outro lado, está André Comte-Sponville, defensor da existência de valores na manutenção da espiritualidade no ateísmo como forma de se manter a unidade social, mesmo defendendo categoricamente a descrença no transcendente.²⁹ Estes conceitos, é bom evidenciar a princípio, dividem o ateísmo moderno entre espiritualidade ateia e antirreligiosidade irrestrita.³⁰ Por fim, analisa-se as implicações do ateísmo moderno na sociedade contemporânea e no contexto religioso monoteísta.

²⁶ HARRIS, Sam. *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 157.

²⁷ HARRIS, 2015, p. 158.

²⁸ ONFRAY, Michel; SATHÉL, Monica. *Cristianismo hedonista: contra-história da filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 75.

²⁹ COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 154.

³⁰ CORBI, Marià. Una espiritualidad no religiosa desde de la tradición cristiana. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 110-125, 2014, p. 119.

1 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO ATEÍSMO

O objetivo do presente capítulo é apresentar detidamente o chamado neoateísmo, seu surgimento e atuação no mundo sócio-religioso contemporâneo, todavia para que haja este aprofundamento, faz-se necessário antes compreender os conceitos básicos que envolvem o ateísmo tradicional e que posteriormente levaram a esta nova forma de atuação do ateísmo moderno, conhecido como novo ateísmo. Vale ressaltar, que não será exposto somente a forma conceitual aqui, talvez este seja o ponto de menor relevância para a compreensão do que se propõe, contudo esta parte não deixará de ter também a sua relevância, pois através dela se alargará o entendimento e provavelmente se derrubará preconceitos decorrentes da ausência de conhecimento sobre o tema, que são tão comuns quando se trata de um assunto tão delicado, como é o caso do ateísmo.

É notório o avanço do movimento ateu e sua propagação como corrente filosófica, mas destaca-se que nem sempre foi assim, no passado tinha-se o ateísmo jogado às sombras e era um assunto marginalizado, não que seja muito diferente hoje, mas nota-se na atualidade que o ateu se posiciona e se identifica como tal, atitude que normalmente não era empregada de forma tão marcante pelos professos ateus no passado. Aliás, a principal característica do neoateísmo é ser um propagador ativista do ateísmo, seguindo o que Bourdon apresenta claramente ao dizer:

Atualmente, entretanto, o ateísmo moderno, ou neoateísmo como já é chamado por alguns autores recentes, é mais agressivo, combativo e militante, e não se contenta em ficar apenas no terreno das ideias e da filosofia. Os autores frequentemente se encontram para discutir suas ideias, e mais importante, suas táticas e métodos para ‘evangelizar’ o mundo.³¹

É sabido que longe de ser um novo conceito, o neoateísmo é uma nova forma de se posicionar como ateu, fazendo com que a contribuição para o avanço do número de pessoas declaradamente ateias chame atenção.³² Mariano afirma que o mundo religioso não experimenta um crescimento tão significativo de ateus como possa a princípio parecer, o que ocorre na verdade é que agora os ateus apenas estão se postulando como tal, saindo do ostracismo³³ e mesmo que isto seja verdade, tal fato não consegue enfraquecer o propósito de

³¹ BOURDON, Renato Leon. A estruturação do ateísmo na primeira década do século XXI parte 1. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 51, n. 1, p. 37-72, 2014, p. 70.

³² MOTA, Lindomar Rocha. Neoateísmo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 26-39, 2010, p. 26.

³³ MARIANO, 2013, p. 13.

estudá-la. Mas, no que se baseia o ateu? Quando surgiu? Como interpretá-lo na história? São estas considerações que serão analisadas de forma mais detida a seguir.

1.1 Ateísmo, conceituação e história

O vocábulo ateu tem sua procedência no grego erudito, onde encontra-se com a adição da preposição *a* (α) cujo sentido é *sem* e a palavra *theos*, que significa *Deus*.³⁴ Portanto em uma interpretação livre e clara, ateu seria algo ou alguém sem Deus, contudo ao analisar mais detidamente esta palavra e conforme o Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, a definição de ateísmo seria:

Doutrina que nega veementemente a existência de Deus, recusando toda afirmação e/ou sentimento que se baseiam direta ou indiretamente na fé. Geralmente os adeptos do ateísmo buscam explicações materialistas e científicas para questões como a criação do universo e da humanidade. Ateísmo é um conceito oposto ao teísmo.³⁵

É importante porém, enfatizar, que antes de qualquer desenvolvimento a princípio de conceitos sobre ateísmo, o leitor deve se deter na compreensão das quatro principais formas de pensamento filosófico e teológico em relação a existência de Deus ou qualquer outra ideia de um ser supremo, que são: teísmo, deísmo, panteísmo e ateísmo; evoca-se que existem outras, porém são estas as mais frequentemente apresentadas.³⁶

Para uma melhor compreensão será necessária rápida explicação de cada sentença iniciando pelo teísta, que segundo Geisler e Turek é aquele/a que crê em um Deus e suas variantes como pessoa, não fazendo parte do universo, mas sendo criador do mesmo. Alguns ilustram esta assertiva ao empregar uma singela, contudo conhecida e antiga analogia de Deus como sendo o relojoeiro e apresentando sua criação como o relógio.³⁷ Evidencie-se que as principais religiões monoteístas do mundo são teístas, são elas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Para o deísmo a crença na criação do universo não foi uma casualidade, mas ocorreu por um ser superior e possuído de uma inteligência a altura de sua posição nesta situação,

³⁴ NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955. p. 51.

³⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989. p. 109.

³⁶ POLKINGHORNE, John Charlton. *One world: the interaction of science and theology*. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2007. p. 34.

³⁷ GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2006. p. 22.

pode ser Deus ou algum outro ser que fez o papel de criador deste universo. Posteriormente a esta execução, ele não mais atua frontalmente e não mais influencia este mundo, como também não age mais no desígnio de seus moradores. Ainda no exemplo do relojoeiro, ressalta-se que este Deus segue como o produtor do relógio, mas o deísta simplesmente acredita que ele o fez, o impulsionou dando cordas e agora o relógio trabalha a partir deste ponto por sua própria sorte.³⁸

Os panteístas, de acordo com o próprio nome alude, deriva da palavra grega, *pan*, que expressa a palavra *tudo* e *theos* que denota a palavra *deus*. Para um panteísta, Deus é impessoal, sendo, portanto, o próprio Universo e tudo o que o forma. Diferente da ótica teísta, para o panteísta o relógio e todos os seus componentes que o compõe é esse Deus, esse ser está em todas as coisas criadas por ele. Pontua-se que grande parte das ditas religiões orientais, como o taoísmo, hinduísmo, zen budismo são panteístas, além das novas crenças com raízes na Nova Era.³⁹

Por último apresentam-se os ateístas e que se ajustam ao movimento dos que não creem em qualquer tipo de divindade. Fundamentado nas exemplificações anteriores, declara-se que os ateus afirmam que aquilo que se assemelha com um relógio sempre existiu e não houve ninguém que o construísse, surgindo eventualmente do nada ou do acaso.⁴⁰

Afirma-se que somado aos teístas e ateus ainda há os agnósticos, que tanto podem ser agnósticos teístas, ou seja, aqueles/as que creem na probabilidade da existência de um ser supremo ou Deus, mas admitem que não têm condições de comprovar sua existência e os agnósticos ateus, que declaram não possuir entendimento que valide a sua não realidade, mas não consentem na eventualidade de que ele exista.⁴¹

Ser confrontado com estas diferentes formas de se crer ou a própria falta delas é de extrema importância, todavia tendo como objeto desta pesquisa o ateísmo, fica evidente que decifrá-lo vai exigir mais do que um mero estudo etimológico de suas palavras para uma boa compreensão, ou até mesmo um célere apontamento por seu conceito. Dawkins enfatiza que a entendimento do movimento ateu não é somente uma exibição da negação enfática da existência de seres sobrenaturais e supremos, quer dizer, da possibilidade de poder haver a

³⁸ GEISLER; TUREK, 2006, p. 29.

³⁹ GEISLER; TUREK, 2006, p. 35.

⁴⁰ LUBAC, Henri de. *L'origine de la religion: essai d'une somme catholique contre les sans-Dieu*. Paris: A Dufour, 1996. p. 30.

⁴¹ BAGGINI, Julian. *Ateísmo: uma breve introdução*. São Paulo: L&PM Editores, 2016. p. 66.

presença de um Deus ou divindades no mundo, mas isso demanda certo embaraço e não se manifesta de forma simplória como em um primeiro momento possa parecer.⁴²

O movimento ateu é visto na história como sendo desprezado e lançado à rejeição sistematicamente como um obscurantismo duvidoso, em outras épocas pessoas que se declaravam ateias eram sempre enxergadas por um panorama vexatório e vergonhoso, credores de olhares repulsivos. Eram marcados como escórias por seus detratores e nunca como exemplo positivo, esta conspurcação era proveniente em primeira medida de chefes clericais ansiosos em dar uma implicação nada positiva ao defini-los.⁴³ Em seu destaque, Onfray diz: “Nenhum termo existe para qualificar positivamente quem se conforma às quimeras além dessa construção linguística que exacerba a negação”.⁴⁴ Porém Minois esclarece que o ateísmo não é um objeto de fácil entendimento apenas por seu significado da negação ou da inexistência de um Deus, mas o assunto primordial a se destacar é o fato de que o termo está ligado imediatamente a combinação com o conceito que se alude desta divindade e da sua visão ontológica da vida.⁴⁵

O juízo de ateísmo não é só manifestado pela alegação da negação de Deus, Mota esclarece que a história presenciou em seu decorrer a existência de outra maneira de se enxergar o ateu. Era quando pessoas, que representavam uma maior quantidade religiosa em certa comunidade, apresentavam o ateu como um indivíduo que possuía um enquadramento divergente do Deus seguido por elas e por aquilo que criam em decorrência de sua religião vigente.⁴⁶ Ao deter-se neste ponto e conjecturando, pode-se afirmar que qualquer pessoa na atualidade, sendo qual for a sua crença, poderia ser também denominada de ateu, dependendo das suas divergências e de como manifestasse sua confiança, mesmo crendo no transcendente, mas de forma diferente da maioria.⁴⁷

Justificado nesta afirmativa, Cavalieri diz o seguinte:

No mundo antigo e através da maior parte da história da humanidade, a pergunta nunca foi se existia ou não um Deus, e sim qual deus era o verdadeiro. Qualquer forma diferente de se crer era previsto como paganismo. Essa parece ser uma pergunta diferente da que predomina em nossos dias.⁴⁸

⁴² DAWKINS, 2006, p. 173.

⁴³ LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Ateísmo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. p. 24.

⁴⁴ ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2009. p. 07.

⁴⁵ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2014. p. 11.

⁴⁶ MOTA, 2010, p. 26.

⁴⁷ MINOIS, 2014, p. 12.

⁴⁸ CAVALIERI, Edebrande. Abordagem fenomenológica do religioso. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da. *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 15.

Lubac afirma que não há como negar que é de sumária importância a qualquer ser humano seu posicionamento em decorrência da existência ou não de Deus em todo momento da história, pois isto acaba por realçar de forma marcante a sua ideia de vida, e seu direcionamento moral e ético.⁴⁹ Em certa ocasião perguntaram ao editor Mortimer Adler, por que em uma de suas obras a seção “Deus” era recebida com tanto destaque? Adler apontou que maiores implicações derivavam do tema “Deus” em comparação a nenhum outro e que espontaneamente produziam os cinco questionamentos mais relevantes da vida de qualquer ser humano, são eles: Origem - De onde vim? Identidade - Quem sou? Propósito - Por que estou aqui? Moralidade - Como devo viver e Destino - Para onde vou?⁵⁰

Impossível não haver compreensão, que as sentenças respondidas em cada questionamento dependem daquilo que se crê como hipótese ou não da existência de um ser supremo ou da maneira como se enxerga o tema.

Na história, o ateísmo aparece no mundo como algo tão longínquo quanto a própria religião, há relatos históricos onde sua prática é encontrada ocorrendo na humanidade desde da existência da inteligência e da vivência religiosa do homem, nascendo principalmente como um pensamento contrário a esta última.⁵¹ Sempre houve seres humanos que inquiriam sobre a chance da existência de Deus ou seres supremos que fossem portadores de algum tipo de agraciamento por adoração e capazes de gerar ações sobrenaturais, este fato é tão antigo que o livro sagrado para os cristão e cabe aqui destacar que o mérito não é apresentar como os ateus eram enquadrados pelos escritores bíblicos, mas enfatizar os relatos de que tais pessoas que não acreditavam na existência de Deus eram percebidas e contempladas sua existência desde os tempos antigos, denominando-as de tolas: “O insensato afirma em seu coração, não há Deus”⁵².

Na Grécia clássica antiga, a narrativa de Platão sobre o julgamento de Sócrates, produzida em 399 a.C., detalha nos bastidores marcas visíveis de uma conspiração traiçoeira e que termina com o filósofo sendo definido como alguém em seus idos que não acreditava nos deuses do panteão grego, é importante apontar que esta afirmativa era completamente falsa sobre o acusado. Sócrates defendia ferrenhamente o pensamento livre e a perquirição sem limitações em prejuízo dos conceitos religiosos existentes em sua época, abdicando-se de concordar com conceitos ou princípios sustentados por uma crença sem fundamentação e coerência.

⁴⁹ LUBAC, 1996, p. 63.

⁵⁰ GEISLER; TUREK, 2006, p. 38.

⁵¹ FILHO, 1988, p. 17.

⁵² BÍBLIA. *Livro de Salmos*, Capítulo 14, Versículo 1.

O filósofo declarou que uma vida onde não se acham razoabilidades, não merece ser vivida⁵³, pontua-se que longe de ser herege ou ateu, e Sócrates categoricamente sempre negou ser e o que nunca foi, acabou assassinado porque sua forma socrática de pensar que estabelecia uma maneira de produzir opiniões nas quais poderia, mesmo diante de um vendaval, sentir uma confiança legítima e não imaginar que um simples relâmpago teria partido de Zeus, seu interesse era ir além do que as mentes religiosas parasitadas impunham como credices. Isto direcionou muitos jovens de famílias influentes e ricas de Atenas à época a inquirir a “legitimidade dessas crenças relativas às entranhas da Terra e assuntos celestiais”⁵⁴, criava-se uma grande celeuma na ótica daqueles/as que o acusavam e viam nele um perigo em suas novidades, Sócrates estremeceu a base dos conceitos religiosos helenísticos de sua época.

Mohler apresenta uma passagem nas Escrituras Sagradas para o cristianismo, onde o apóstolo Paulo, em sua carta endereçada à igreja de Roma, no capítulo 1, versículo 19 enfatiza segundo ele, que diante de tantas provas da existência de Deus e de Sua própria revelação de diferentes formas; de que a negação nEle seria uma grande desonestidade, uma obtusidade intelectual e finalmente depravação moral⁵⁵, mostrando que a existência de tais pessoas era algo factual em sua época e seguida de enorme preconceito na própria visão do apóstolo.

Na Idade Média, mesmo contra a Igreja Católica que era dominante na Europa e que gerava uma perseguição contra aqueles/as que expunham suas convicções ateias, é encontrado relatos históricos de pessoas que se declaravam descrentes e através de suas correntes de pensamento questionavam os principais ensinamentos teístas fomentando o Ceticismo, que é a doutrina que alega a impossibilidade de se alcançar o verdadeiro conhecimento pela razão e interpretado por seus algozes como uma afronta direta ao reconhecimento de que Deus era o centro de todo o Universo e que tudo deveria ser aceito pela fé, e o Naturalismo, que é a crença de que apenas forças naturais governam o mundo, recusando claramente a ideia de que verdadeiramente Deus seria o governante.⁵⁶

Avançando ainda mais pela linha histórica, justifica-se epigrafiar que o período mais significativo para o ateísmo se iniciou com o nascimento do Iluminismo a partir do século XVI e a quebra gradual hegemônica da igreja no Velho Mundo. O desenvolvimento intelectual que vinha ocorrendo no mundo desde o Renascimento, abriu o caminho para o

⁵³ PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Edson Bini et al. São Paulo: Edipro, 2015. p. 47.

⁵⁴ BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014. p. 36.

⁵⁵ MOHLER, Robert Albert Jr. *Ateísmo remix*. São José dos Campos: Fiel, 2012. p. 9.

⁵⁶ HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 32. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018. p. 190.

surgimento de ideias libertárias em diferentes áreas da sociedade europeia e chegando ao âmbito da religião. Os iluministas, assim se autodenominavam por acreditarem que seus pensamentos eram contrários ao que eles entendiam como um retrocesso originado pela opressão filosófica-religiosa, e se julgavam como propagadores de luz e conhecimento, daí o termo.⁵⁷ René Descartes (1596 – 1650), famoso iluminista e considerado até hoje como o pai do Racionalismo, em sua principal obra ressaltava o seguinte: o discurso do método, apresenta uma verdadeira afronta a qualquer tipo de crença sem fundamentos científicos para justificá-la⁵⁸; e combatendo claramente os ensinamentos propostos até então pelo catolicismo romano.

Mesmo tendo o movimento iluminista avançado pelo mundo, chegando a outros continentes e ainda que se tenha produzido naquele período apresentações coletivas de ideias, desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e obras eruditas de pessoas relevantes realçando o movimento ateu e arrebatando-o incontestemente das trevas. Isso ainda não era suficiente para esquadrihar e tranquilizar pensamentos proeminentes apreensivos em como seus posicionamentos e ensinamentos seriam percebidos pelas lideranças religiosas, mesmo ocorrendo uma vez ou outra, uma considerável oposição à autoridade religiosa corrente.⁵⁹

Normalmente o meio acadêmico e científico tinha o cuidado de expressar suas ideias e certezas com grande melindre, ou expressá-los tanto quanto era viável apenas a um pequeno número de pares cultos que coadunavam da mesma razão. Como exemplo a este ponto destaca-se o ocorrido com Benjamin Franklin quando da sua invenção, o para-raios, que apesar de não ter descoberto exatamente a energia elétrica, foi certamente um daqueles que ajudou a desvelar os seus mistérios, através de seus princípios e aplicações práticas domesticando assim um fenômeno natural, neste caso o relâmpago, e que era apregoado em sua época como uma das “manifestações” divinas para demonstrar sua insatisfação contra o ser humano e sua desobediência. No período da disseminação de seu invento, Benjamin Franklin dirigiu-se à sociedade de seu tempo quase pedindo desculpas e teorizando que não pretendia com seu invento domesticar a Deus e aliando tal fenômeno natural a uma penalidade vinda dos céus: “Na sua bondade para com a humanidade, Deus ficou finalmente satisfeito por descobrir o meio de proteger as suas habitações e outros edifícios de prejuízos pelos trovões e pelos relâmpagos...”⁶⁰.

⁵⁷ MINOIS, 2014, p. 236.

⁵⁸ HARARI, 2018, p. 207.

⁵⁹ MOHLER, 2012, p. 29.

⁶⁰ HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande: como a religião envenena tudo*. Porto Alegre: D. Quixote, 2007. p. 312.

Na mesma época, personalidades como David Hume, agiam de forma contrária a Franklin e declaravam de maneira aberta e contundente seus pensamentos, que se provaram mais tarde, ser de grande importância para o ateísmo moderno.⁶¹ Caracterizado como o pai do empirismo e do ceticismo filosófico, Hume acreditava que todos os conhecimentos significativos ou eram verdadeiros por definição ou deveriam estar fundamentados em uma vivência sensorial. De acordo com Hume, não poderia haver experiência sensorial para conceitos que estivessem além do físico e não se deveria crer em nenhuma máxima metafísica, ou seja, aqueles conceitos que estão além do palpável e nisto Deus é incluído, não fazem lógica e assim, transferir a autonomia conquistada pela ciência para demonstrar suas afirmativas e promover ao ponto mais alto, o cientificismo.⁶²

A partir dele, se abriu sistematicamente as portas para uma nova era, onde a religião começa a ser questionada mais declaradamente como nunca antes fora feito, uma vez que não podia ser constatada pela lógica.⁶³ Surgem nesta época nomes que ficaram famosos por seu posicionamento ateu, tais como: Charles Darwin, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Isaac Asimov, Augusto Comte, entre tantos outros que se declaravam ateus ou agnósticos ateístas.

1.2 A gênese do neoateísmo

Desde o fim do século XX e início do XXI o mundo contemporâneo tem experimentado uma nova forma de ateísmo capaz de tirá-lo da obscuridade e dar uma nova ênfase propagadora a sua mensagem da não-crença. Fala-se aqui do ateísmo moderno ou comumente chamado de neoateísmo para alguns.⁶⁴

Com a queda e impopularidade das religiões ocorrida no continente europeu no fim do século XX, ocorrência esta que se expandiu diligentemente para o restante do mundo ocidental e parte do oriente nos últimos anos, encontra-se um novo axioma e uma conflagração na apresentação estatística que determina as religiões e seus seguidores.⁶⁵ De acordo com Souza, o que era um número supostamente pífio de pessoas declaradamente ateias há pouco mais de cem anos atrás, contraposto com a população mundial no mesmo período,

⁶¹ GEISLER; TUREK, 2006, p. 74.

⁶² GEISLER; TUREK, 2006, p. 77.

⁶³ SANTOS, Valmor Ferreira. *Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e metateses*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. p. 9.

⁶⁴ MINOIS, 2014, p. 212.

⁶⁵ MINOIS, 2014, p. 697.

levando em consideração que naquela época calculava-se em torno de duzentos mil ateus no mundo diante de uma população de cerca de um bilhão e quinhentos e sessenta milhões de pessoas no início do século XX, e agora passados cem anos esta diferença derrete de maneira surpreendente para atuais duzentos e sessenta e dois milhões de pessoas declaradamente descrentes, contra sete bilhões e seiscentos milhões de habitantes, demonstrando um crescimento proporcional surpreendente.⁶⁶ Já no Brasil esta avaliação parece não ser tão diferente, pois de acordo com a percepção de Mariano, o censo de 2010 evidenciou 625.096 pessoas que se declararam ateias, enquanto 124.436 diziam-se agnósticos. Ainda segundo Mariano, para o próximo censo em 2020 estes números serão possivelmente ainda mais significativos e destacando que isto ocorre em um dos países mais religiosos atualmente.⁶⁷

Ao analisar os números absolutos apresentados pode-se chegar a um erro superficial de raciocínio, concluindo que o ateísmo e suas ramificações ainda constituem um movimento insignificante, porém comparado às convencionadas religiões mundiais já existentes, a sua taxa de crescimento é significativa, aponta Freitas.⁶⁸ A tendência para os próximos anos é de um crescimento exponencial do ateísmo, pois é fato que cada vez mais incorporam aqueles/as que se declaram sem religião em todo mundo, principalmente entre os considerados jovens, ou seja, pessoas abaixo dos 30 anos de idade.⁶⁹ Novas gerações, preferencialmente denominadas de geração “Y”⁷⁰, que são os nascidos entre os anos de 1980 e 2010 são alvos intensos do neoateísmo proselitista e muitos quando libertados das amarras da tradição religiosa familiar começam a se declarar ateus, isso sem levar em consideração aqueles/as que já nascem de uma família sem qualquer vínculo religioso.⁷¹ Ratificando esta certeza e em demonstração ao grau de influência do neoateísmo, Bourdon chega ao ponto de afirmar o seguinte:

Atualmente, entretanto, o ateísmo moderno, ou neoateísmo como já é chamado por alguns autores recentes, é mais agressivo, combativo e militante, e não se contenta em ficar apenas no terreno das ideias e da filosofia. Os autores frequentemente se encontram para discutir suas ideias, e mais importante, suas táticas e métodos para ‘evangelizar’ o mundo.⁷²

⁶⁶ SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 38.

⁶⁷ MARIANO, 2013, p. 13.

⁶⁸ FREITAS, André de Sousa. *As máscaras do ateísmo: uma crítica à filosofia ateísta*. São Paulo: Ihsou, 2011. p. 55.

⁶⁹ MARIANO, 2013, p. 15.

⁷⁰ BAPTISTA, 2014, p. 32.

⁷¹ BAGGINI, 2016, p. 113.

⁷² BOURDON, 2014, p. 70.

Segundo Silveira, o ateísmo através do ateísmo moderno ou neoateísmo, tem favorecido o crescimento no número de simpatizantes e adeptos pela negativa na existência em um Deus.⁷³ Mas quando se deu o ponto da virada na história?

A história nos aponta que a partir do fim da *guerra fria*⁷⁴, o Ocidente começa a experimentar uma mudança crescente por novos valores e pensamentos, principiando no enfraquecimento das ideologias modernas, fazendo desmoronar os tradicionais sistemas filosóficos e trazendo a reboque a queda das religiões, e sua posição na sociedade. Isto culminou no enfraquecimento das grandes ideologias modernas e em um gradativo reencantamento do mundo. A religião e os tradicionais sistemas filosóficos de auto-conhecimento, vieram atrelados a esta mudança.⁷⁵ Francis Fukuyama chega a dizer o seguinte:

O fim da disputa entre os dois grandes blocos político-ideológicos do século XX provocou o fim da tensão entre dois modelos concorrentes de sociedade. O ocaso da ideologia socialista e a adoção dos valores burgueses e capitalistas como modelo econômico-cultural único, sem outro em contraposição denominou-se para pensadores do conservadorismo americano como o ‘fim da história’.⁷⁶

Nesta nova onda do neoliberalismo e da globalização que acabou por tornar o mundo mais capitalista e menor, passou-se a escancarar por um lado o esgarçamento das tensões centradas e divididas entre as duas potências mundiais vigentes, fazendo com que tensões sociais, étnicas e religiosas já existentes, mas suspensas por conviências sociais e políticas em diferentes partes do mundo, eclodissem na forma do aumento da criminalidade nos grandes centros e o agravamento do terrorismo a nível mundial. Porém, por outro, encontrava-se o declínio das religiões, principalmente a cristã, iniciado pela Europa e o aumento de ateus ou os “sem religião”, fato esse que se estendeu sistematicamente para o restante do mundo nos últimos tempos, vivendo assim uma nova realidade e uma revolução na configuração estatística que envolve as religiões e seus adeptos hoje.⁷⁷

Outro ponto de extrema relevância e que deve ser analisado, foi o atentado às Torres Gêmeas em setembro de 2001, pontuado por muitos como o marco da gênese do

⁷³ SILVEIRA, Emerson José Sena da. O discurso religioso na sociedade pós-secular: Notas reflexivas e indícios impertinentes. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da (Org.) *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014. p. 12.

⁷⁴ Este termo foi cunhado num período de polarização na tentativa de domínio mundial após a Segunda Guerra Mundial, onde o mundo se dividiu entre duas grandes hegemonias político-ideológicas. De um lado estavam os Estados Unidos como representantes do capitalismo neoliberal e do outro a União Soviética, representando o bloco comunista.

⁷⁵ ARAUJO, Luiz Bernardo Leite. A ordem moral moderna e a política do secularismo. *Ethic@*, Florianópolis, v. 10, n. 3, p. 38-50, 2011, p. 46.

⁷⁶ FUKUYAMA, F. *O fim da História e o último homem*. Lisboa: Gradiva, 1992. p. 95.

⁷⁷ MINOIS, 2014, p. 697.

neoateísmo⁷⁸, onde o incrível ataque do terrorismo islâmico, no coração dos Estados Unidos da América, suscitou duas reações extremas: De um lado, motivou o nacionalismo norte-americano, justificando a guerra contra o *império do mal*;⁷⁹ e do outro, provocou a desconfiança e hostilidade contra o fundamentalismo religioso. Esta segunda reação, porém, desembocou, em alguns autores ateus, um fundamentalismo antirreligioso.⁸⁰ Isto acabou por se converter no crescimento do ateísmo e mais propriamente do ateísmo moderno, onde sua mensagem parece encontrar um cenário favorável ou para a eliminação completa das religiões e conseqüentemente das igrejas na vida das pessoas,⁸¹ ou a busca de um sentido espiritual sem o envolvimento religioso, ou a ajuda dessas igrejas.⁸²

1.3 Neoateísmo, o resgate do ateísmo da marginalidade

Quando se busca entendimento sobre qualquer objeto linguístico, normalmente se começa pela definição da palavra que a compõe e tenta-se estabelecer um vínculo entre a palavra e o conceito. Alguns desses vocábulos dispensam tal exercício, é o caso aqui do neoateísmo, por mais que seja um neologismo, seu sentido expressa exatamente a mensagem que quer passar. Zenk chega a afirmar que mais que um novo conceito, o novo ateísmo é uma criação midiática. Não se trata de uma nova proposta, de uma nova fundamentação teórica que caracteriza um pensamento inédito sobre a questão como o próprio nome supostamente sustenta, isto na prática nunca ocorreu em se tratando do neoateísmo.⁸³ Como será visto mais a frente, os planos eram outros e envolviam injetar ânimo a mesma mensagem atea do passado, sem a pretensão de vesti-la com uma nova roupagem.

Notadamente no mundo religioso contemporâneo, o movimento ateu através do novo ateísmo se favorece por uma estratégia mais atuante de propagação de sua mensagem, boa parte deste crescimento esclarece Dennett, se deve ao estilo mais beligerante com que tem atuado, e principalmente com o surgimento de um veio do movimento chamado, neoateísmo.⁸⁴ Prova disto, é a reconhecida instituição de pesquisas sociais e religiosas

⁷⁸ DENNETT, Daniel. *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 134.

⁷⁹ Termo utilizado pela primeira vez em 1983, pelo então presidente americano Ronald Reagan e aplicado ao seu maior inimigo à época, à União Soviética. Anos mais tarde, no início do século XXI, volta à tona pelos americanos para definir a guerra contra o terrorismo islâmico.

⁸⁰ MINOIS, 2014, p. 699.

⁸¹ DAWKINS, 2006, p. 122.

⁸² COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 61.

⁸³ ZENK, Thomas. “Neuer Atheismus”: “new Atheism” in Germany. *Approaching Religion*, v. 2, n. 1, p. 241-258, 2012, p. 51.

⁸⁴ DENNETT. *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006. p. 33.

estadunidense, The Barna Group (TBG), que a pouco tempo atrás, empreendeu uma pesquisa de cunho religioso naquele país, vale destacar que os Estados Unidos eram até recentemente conhecidos como hegemonicamente cristãos protestantes e onde se averigua na atualidade um crescimento gradativo no número de incrédulos na sociedade norte americana.⁸⁵ De acordo com o instituto (TBG), que estuda as tendências do mundo religioso, as principais causas apresentadas para a falta de fé na existência de Deus, estão na oposição à Bíblia, a desconfiança nas igrejas e uma visão de mundo secularizado reforçado pela cultura vigente,⁸⁶ todas estas mensagens são largamente massificadas pelo ateísmo moderno.⁸⁷

Gozzini conceitua uma identificação visível de que a partir do começo do presente século inicia-se uma forma de ateísmo mais militante e combatente, capaz de eclodir das sombras da indiferença para se expor como ateu e lutar diretamente contra as religiões estabelecidas, declarando-as como essencialmente más. Este movimento denomina-se como ateísmo moderno ou neoateísmo.⁸⁸

Seus principais articuladores e propagadores: Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Daniel Dennett, Sam Harris do lado inglês, Michel Onfray e André Comte-Sponville do lado francês, disseminam e lutam contra toda e qualquer crença no sobrenatural buscando desconstruir principalmente o cristianismo e o islamismo, fazendo mais adeptos e apreciadores de suas teorias.⁸⁹ Boa parte do material impresso e visual encontrado sobre o tema atualmente é produzido por estes homens, ou os têm como fonte. Além de suas obras, são famosos por suas disputadas e concorridas palestras ácidas pelo mundo, difamando de forma jocosa a religião e seus adeptos.⁹⁰

1.4 A visão dos religiosos sobre o neoateísmo

Nicodemus, um líder religioso cristão, ao fazer uma avaliação do cenário religioso atual se mostra preocupado com o crescimento da quantidade de ateus e chega a afirmar que é incontestável que em tempos atuais a quantidade de ateístas e agnósticos ganha um volume

⁸⁵ PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 77-86, 2010, p. 79.

⁸⁶ BARNA GROUP. Disponível em: <<https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/#.WnehLRuNgx1>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

⁸⁷ ZENK, Thomas. *New Atheism. Handbook Oxford of Atheism*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 245.

⁸⁸ GOZZINI, Mário. *Deus está morto? religião e ateísmo num mundo em mutação*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 44.

⁸⁹ PAINE, 2010, p. 78.

⁹⁰ PAINE, 2010, p. 85.

cada vez mais contundente, isto sem contar com aqueles/as que se declaram sem religião e que erroneamente são enquadrados de forma incorreta no grupo dos descrentes, mas não contabilizados como ateus.⁹¹

McGrath em certo sentido tenta amenizar esta constatação ao afirmar que este somatório diversas vezes ocorre de maneira imprópria, pois é relevante levar em conta que aqueles/as que se apresentam como sem religião, podem em diversos casos não declarar uma religião ou frequentar uma igreja formalmente, mas podem acreditar em alguma forma de um ser supremo ou transcendental.⁹² Porém, a grande questão é que para o ateísmo esta possibilidade de crescimento nunca foi sempre assim, em boa parte dos capítulos de sua história tinha-se o ateísmo como um movimento obscuro e marginalizado, encontrando em alguns momentos seus declarantes até perseguidos como já visto anteriormente.⁹³

Para o filósofo britânico Anthony Flew, um ex-ateu e agora teísta convicto (ele se apresenta desta maneira), a expansão do ateísmo se deve ao significativo trabalho realizado por seus colegas neoateus, Daniel Dennett e Sam Harris, entre outros, na divulgação da causa ateia e é irrefutável que boa parte do crescimento de seus adeptos se dá pela propagação de suas mensagens e pensamentos.⁹⁴

Com seu avanço, o neoateísmo tem fortalecido a pressuposição de que a fé em um ser transcendente é o resultado da perturbação entre desejo e realidade, da estupidez, da ignorância ou da desonestidade intelectual; tendo a recusa em considerar a sério a probabilidade de que ela possa ser real e que as alegações a favor desta crença devem ser válidas; e na conjectura de que as únicas ponderações razoáveis para o assunto seriam as científicas, racionais e não as filosóficas. Na medida que o ateísmo cresce através do movimento neoateu e seus propagadores, os líderes das principais religiões monoteístas veem cada vez mais a sua posição abalada, pois antes eram tidos por perseguidores e hoje experimentam gradativamente uma alteração para atacados em relação aos ateus, fazendo com que a religião se reestruture e saindo para uma posição de defesa.

Os neoateus classificam os religiosos de primitivos e apregoa-os a irrazoabilidade, já por parte dos religiosos e como forma de proteção, alegam que o secularismo proposto pelos neoateus é um pensamento que soa a preconceitos retrógrados e irracionais, adjetivos que normalmente os próprios ateus usam para defini-los. Alegam que as obras dos principais

⁹¹ NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. p. 65.

⁹² McGRATH, Alistair. *The twilight of atheism*. New York: Galilee Doubleday, 2006. p. 121.

⁹³ GOZZINI, 1970, p. 77.

⁹⁴ ANTHONY FLEW. Entrevista concedida a Biola University. Disponível em: <<https://apps.biola.edu/apologetics-store/products/item/craig-vs-flew-does-god-exist>>. Acesso em: 12 out. 2019.

autores neoateus são carregadas de superficialidade na análise filosófica sobre os temas religiosos que abordam. Feser chega a declarar que a obtusidade por parte dos ateus em relação ao plano filosófico das ideias faz com que caiam em descrédito suas palavras:

Em verdade, como veremos, eles (neoateus) não chegam nem sequer a começar a compreender o que a própria palavra ‘fé’ significa de fato, historicamente, na principal corrente dessa tradição. A impressão que fica é que o grosso do conhecimento de teologia cristã desses autores consistiu na leitura de *Elmer Gantry* (romance satírico de Sinclair Lewis de 1926 e que ridicularizava o evangelismo norte-americano) na faculdade, complementada por algumas horas assistindo a *O vento será a tua herança* (Peça de Jerome Lawrence, que critica o criacionismo) em uma manhã de domingo zapeando por canais evangélicos. Eles demonstram igualmente não ter a mínima noção do papel histórico central desempenhado por ideias derivadas da filosofia clássica – a tradição de pensamento que procede de Platão e Aristóteles e cujos maiores representantes no cristianismo são Agostinho e Tomás de Aquino – na autocompreensão e no conteúdo da principal corrente da tradição religiosa do Ocidente.⁹⁵

Mas, será que isto realmente acontece? De acordo com Dawkins, é evidente que o que está em questão para os ateístas não é o plano filosófico, mas a guerra entre ciência e religião, durante eras a humanidade viveu nas trevas do fanatismo religioso e do desconhecimento, contudo com a voz da ciência tendo o seu devido lugar alcançado, a marcha do progresso se torna implacável. Os fundadores da revolução científica deram o início, Darwin avançou muito com uma explicação mais coesa do universo e da existência humana aplicando termos inteiramente materialistas ao alcance do entendimento.⁹⁶

Os religiosos alegam que não há uma guerra entre ciência e religião, como afirmam os neoateus, não cabe uma disputa entre o cientificismo e a teologia, aliás elas se completam, quando cada uma delas respeita o espaço da outra. Porém, não se deve negar que na verdade o que se encontra entre estes dois mundos é uma luta entre duas cosmovisões rivais e que nenhuma delas responde integralmente ao anseio humano, tal argumento muitas vezes é apoiado em citações de cientistas como Richard Lewontin, que mesmo sendo um biólogo evolucionista, declara que a ciência não responde a todas as perguntas e que eventualmente há secularistas que admitem o medo de abrir as portas para os fundamentalistas religiosos, ao reconhecer que a origem da vida ainda é um mistério e que a ciência ainda não preencheu as lacunas sem respostas, ele afirma:

Nossa disposição de aceitar proposições científicas que são contrárias ao senso comum é a chave para compreender a verdadeira luta entre a ciência e o

⁹⁵ FESER, Edward. *A última superstição: uma refutação do neoateísmo*. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2017. p. 20.

⁹⁶ DAWKINS, Richard. *Fome de saber: a formação de um cientista - memórias*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015. p. 188.

sobrenatural. Nós tomamos partido da ciência apesar da patente absurdidade de alguns dos seus construtos, apesar de ela não ter cumprido muitas das suas extravagantes promessas de melhorar a saúde e a vida de todos, apesar da tolerância da comunidade científica com histórias da carochinha, porque temos uma filiação prévia, a filiação ao materialismo. Não é que os métodos e as instituições da ciência nos coajam de algum modo a aceitar explicações materiais do mundo fenomênico, mas, ao contrário, é pela nossa aceitação as causas materiais que somos forçados a criar um aparato de investigação e um conjunto de conceitos que produzam explicações materiais, por mais contraintuitivas, por mais mistificadas que sejam para os não iniciados. Além disso, alguns ainda afirmam que o materialismo é absoluto, pois não se pode permitir que Deus entre por esta porta.⁹⁷

Feser, filósofo e religioso, destaca a luta da cosmovisão ateia e religiosa, onde a primeira traz a premissa de que a ciência é suficiente ao ser humano para responder suas inquietudes, mas segundo ele, a ciência só tem a capacidade de desconstruir e excluir da vida a finalidade, a direção e o destino como atributos essenciais para seu sentido. A ciência não pode fazer o que a religião faz, ou seja, dar respostas em relação ao medo que cada criatura tem sobre a morte, a ânsia por justiça universal e o desejo de encarar a vida como dotada de sentido e que podem levar o ser humano a querer ter alma imortal. Mas, por outro lado, ele destaca que é indiscutível que cada criatura no íntimo traz o desejo de libertar-se dos padrões morais tradicionais e do medo do juízo por consequência dos seus atos obscuros, tornando-se apenas animais engenhosos cujas vidas não têm nenhum propósito além daqueles que eles próprios definiram para si, sendo que cada um exerce o seu direito de escolher o que vai querer experimentar.⁹⁸

Os religiosos na maioria das vezes, acusam os neoateus de supostamente conhecerem quais são seus argumentos sustentados por fábulas e apresentando sempre as mesmas infundadas alegações de que trabalham em sua grande maioria com a crença no medo da condenação divina, além de desconsiderarem as ideias de pensadores religiosos importantes, ignorando assim, nomes como: São Tomaz de Aquino e Santo Agostinho. Jeremy Waldron chega a afirmar que muitos teóricos secularistas supõem saber como são os argumentos religiosos, que se apresentam como uma prescrição divina rudimentar fundamentada pela ameaça de condenação ao inferno, sendo isto para ele, alijado da verdade.⁹⁹

Outra visão religiosa contra os ateus modernos está na asserção de que o neoateísmo é uma forma disfarçada de religião, mesmo parecendo estranha e contraditória está afirmativa, levando em consideração que os ateus são indivíduos que rejeitam integralmente qualquer tipo de religião. Suas alegações baseiam-se em três pontos: o primeiro é de como os ateus

⁹⁷ LEWONTIN, Richard. *Mind: a brief introduction*. Oxônia: Oxford University Press, 2004. p. 47.

⁹⁸ FESER, 2017, p. 35.

⁹⁹ WALDRON, Jeremy. *God, Locke and equality: christian foundations in locke's political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 111.

modernos agem como proselitistas na busca por novos adeptos e conversos ao movimento; o segundo está em como a própria teoria da “seleção natural” passa a ser tratada como uma pseudodivindade que guia os destinos neoateus; e o último é de como seus principais divulgadores, Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Sam Harris e Daniel Dennett, são tratados e até venerados, como verdadeiros gurus religiosos por seus seguidores. Aliás, esta última razão, faz com que estes expoentes neoateus recebam por parte dos líderes religiosos a alcunha pejorativa de “os quatro cavaleiros do apocalipse neoateu”.¹⁰⁰

Assim como os neoateus identificam a religião como um fenômeno natural, os religiosos em sua perspectiva passam a considerar movimentos materialistas e secularistas como sendo fenômenos religiosos. A propósito, nem todos os religiosos seguem esta linha de encarar o neoateísmo como uma religião, alguns pelo contrário veem o movimento sarcasticamente como uma contrarreligião, onde o ateísmo moderno acaba produzindo sua própria idiosincrasia e na busca ferrenha por um antagonismo se torna um gerador de diferenças que mais parecem semelhanças. Feser ratifica isto dizendo:

O secularismo não é exatamente uma religião, é o que podemos chamar de contrarreligião. Ele tem seus próprios contrassantos (Charles Darwin, Clarence Darrow, Carl Sagan); contrapropetas do seu ‘Antigo Testamento’ (Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud); e contra-apóstolos mais gentis e benevolentes, cheios de esperanças na realização do Reino dos Semdeus na Terra via políticas educacionais ‘progressistas’ e outros esquemas de alpinismo social, do seu ‘Novo Testamento’ (Daniel Dennett, Richard Dawkins, Sam Harris e Christopher Hitchens – e na barganha, cada membro desse quarteto tem até seu próprio Evangelho). Ele fornece identidade e sentido a quem está a seu serviço e uma metafísica para interpretar o mundo, além de um sistema de valores para a vida, ainda que tudo isso seja pouco mais que a negação da metafísica e da moralidade associadas à religião: isto é, uma contrametafísica e uma contramoralidade.¹⁰¹

Percebe-se, que o mundo religioso mesmo tentando atacar os ateus, não consegue encontrar contra-argumentos fortes que os tire de uma posição defensiva, dando a impressão de estar constantemente atordoado diante do avanço sistemático do neoateísmo. A verdade é que o sentimento de pertencimento religioso diminui por toda a parte e cada vez menos as pessoas, a começar pelas novas gerações¹⁰², se identificam com uma religião. Podendo sem constrangimento se declarar muitas vezes como sem religião, agnósticos ou simplesmente ateus e gerando a impressão de que o neoateísmo passa pela mesma evolução que as grandes

¹⁰⁰ MINOIS, 2014, p. 701.

¹⁰¹ FESER, 2017, p. 36.

¹⁰² Segundo sociólogos e estudiosos do comportamento humano as Novas Gerações são os indivíduos da geração “y” ou Millenials, nascidos a partir de 1980 e até início do ano 2000.

religiões um dia experimentaram e contra as quais o ateísmo surgiu, sendo a própria razão de sua existência.¹⁰³

O objetivo deste capítulo foi pavimentar o caminho para a compreensão das linhas gerais do ateísmo e que constroem os parâmetros para o avanço do movimento mundialmente hoje. Inicialmente, foi apresentado o pressuposto teórico e uma análise apurada da palavra *ateu*, além de uma busca sobre sua definição, construindo um entendimento etimológico. Outro ponto relevante desta primeira parte da pesquisa foi a compreensão das diversas maneiras de se crer ou não em Deus ou divindades e como isto influencia diretamente o ser humano na construção de sua cosmovisão.

Uma acurada análise histórica denunciou que já há muito tempo, sempre existiram pessoas que, ou questionavam a existência de Deus ou deuses, ou simplesmente por não terem sua fé afinada e na mesma sintonia das pessoas que compunham uma maioria na sociedade, além de terem como diapasão outras regras, doutrinas e crenças, acabavam por serem consideradas como ateias. Havendo por parte dessas pessoas um forte preconceito, decorrente desta diferença de se crer ou não, mas principalmente contra aqueles que se declaravam ateus.

O capítulo demonstrou que na história há um ponto da virada, onde o ateísmo começa a sair aos poucos da clandestinidade. Este marco temporal ocorreu no Iluminismo, a partir do século XVI e avançou conseqüentemente quando a religião e a Igreja começaram a deixar de ter a sua proeminência no Velho Mundo debilitado e começou a ascensão do materialismo cientificista, ganhando força no decorrer do tempo pelo mundo e espalhando este sentimento contra as demais religiões, chegando ao apogeu em nossos dias.

Em outro momento, destaca-se o início e o porquê do ateísmo moderno como movimento preponderante para o desenvolvimento do ateísmo, através do crescimento do número de simpatizantes por sua mensagem no mundo contemporâneo. Em virtude de uma grande reviravolta geopolítica, com o fim da *guerra fria*, o encurtamento do planeta pela globalização e as tensões sociais com o aumento da violência em todos os lugares, acabaram por trazer o enfraquecimento de ideologias prevalentes, além de uma nova forma de se ver o mundo e a forma de se viver nele. Contudo, o ataque terrorista ocorrido na cidade de Nova Iorque no dia 11 de setembro de 2001, eclodiu de maneira significativa em um verdadeiro ataque contra todas as religiões, mas primordialmente contra as principais religiões monoteístas, tendo como retórica o combate a qualquer forma de fundamentalismo religioso.

¹⁰³ MINOIS, 2014, p. 702.

Na busca por compreender como os religiosos têm visto o ateísmo moderno e seu crescimento, nota-se que muitas vezes eles estão mais preocupados em se defender de acusações neoateias de que partilham de uma fé cega e sem propósitos, baseados na disseminação do medo e coação de seus fiéis em um juízo divino, além de um inferno para os impenitentes que não seguem a sua cartilha de moralidade e crenças infundadas. Tentam infundir de forma pejorativa a ideia de que o movimento neoateu é contraditório ao se assemelhar a um tipo de religião ou a um movimento contrarreligioso, mas que no fundo só o aproxima da religião pelo antagonismo.

Conclui-se então, que é neste cenário que o ateísmo moderno nasce e se desenvolve hoje, surgindo verdadeiros expoentes que se destacam como divulgadores da mensagem ateística e fazendo nascer uma fase áurea, cujo objetivo parece ser o desejo da extinção de qualquer forma de religião. Sendo justamente sobre eles que se discorrerá os próximos capítulos.



2 OS PRINCIPAIS EXPOENTES DO NEOATEÍSMO INGLÊS

No fim do século passado e no despontar dos nossos dias, testemunha-se um novo fenômeno, que, se em um primeiro momento não chega a convulsionar o ambiente religioso, abalando profundamente as estruturas das principais religiões dominantes, tem no mínimo incomodado, por sua atitude ousada por parte dos seus divulgadores da filosofia ateuista. Através de discursos, palestras, entrevistas e qualquer outra forma de comunicação que chegue rapidamente a uma massa de pessoas que buscam respostas aos questionamentos humanos, não mais pela fé, mas agora pela razão; o mote do neoatémio a princípio é a rejeição veemente da religião, seja ela qual for, porém ver-se-á que há outras implicações além dessas, quando se fala de neoatémio.

O capítulo anterior preparou o caminho para o entendimento conceitual e histórico do ateísmo, além de uma percepção de que a sociedade experimenta na atualidade uma nova fase do movimento, conhecido como ateísmo novo. Porém, esta parte da pesquisa será relevante em entender quem são seus maiores divulgadores e que importância trouxeram para uma melhor compreensão, entendimento e avanço mundial do novo ateu.

Quando se trata de neoatémio, é importante em primeiro lugar clarificar que esta afirmativa de “*novo*” não corresponde exatamente a expectativa que a própria palavra traz, Gordon chega a afirmar que o neoatémio não carrega uma bateria de novas ideias sobre o tema, mas apenas uma nova embalagem para antigos conceitos e pensamentos já existentes e que não eram acessíveis às pessoas comuns, tornando-o mais palatável para a população que outrora rejeitava simplesmente por não compreender sua proposta.¹⁰⁴

Já Franco expõe que o neoatémio merece esta qualificação de inovador, não por trazer uma nova mensagem, haja vista, neste mundo não haver nada tão inédito assim, entretanto o “*novo*” estaria arraigado a novas características do neoateu, apresentadas por ela como: “Um forte movimento social; proposta de secularização e laicidade do Estado; uma abordagem mais concentrada do ateísmo no campo científico; a velocidade da internet na propagação e alcance da mensagem; e o combate ao fundamentalismo religioso”,¹⁰⁵ tornando-o assim mais agressivo em sua mensagem e avanço.

¹⁰⁴ GORDON, Flavio. *A cidade dos brighs: religião, política e ciência no movimento neoateísta*. 2011. 39 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. p. 411.

¹⁰⁵ FRANCO, Clarissa de. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014. p. 59.

2.1 A proposta do novo ateísmo

Os principais nomes do ateísmo criaram ao redor do ateísmo moderno ou neoateísmo, um movimento social, assumindo uma postura de ação coletiva e organizada, geralmente na busca por reconhecimento por parte de outrem ou alteração nas estruturas de relação e poder, através principalmente de ações políticas. Ressalta-se que todo movimento social, independente de qual seja a causa, está inserido em um conflito tendo do outro lado um adversário social, sendo esses adversários do neoateísmo bem definidos como: todas as formas religiosas proeminentes e que em sua visão trazem risco por sua ação incisiva na cooptação de adeptos, a saber, o cristianismo e o islã.¹⁰⁶

A proposta de secularização e laicização do Estado é ponto pacífico na temática neoateia, sendo marcante em sua mensagem qualquer que for seu autor. A clássica proposta de laicidade que denota a separação da Igreja do Estado representa na realidade uma militância pelo enfraquecimento da religião em qualquer esfera da sociedade; seja na política, na saúde, na educação, entre tantas outras, além de transformar todos os espaços públicos em ambientes secularizados. Em sua crítica a forma de amalgamar Igreja e Estado, Harris chega a afirmar:

Embora nenhum outro país desenvolvido se iguale aos Estados Unidos em termos de religiosidade, hoje todos os países precisam conviver com as consequências de tudo em que meus compatriotas americanos acreditam. Como é bem sabido, atualmente as crenças dos cristãos conservadores exercem uma influência extraordinária sobre o discurso público neste país – nossos tribunais, nossas escolas e em todas as esferas do governo.¹⁰⁷

O novo ateísmo também parte do princípio de que o ônus da prova cabe aquele/a que queira provar a existência de algo. A prova de que Deus existe deve ser alcançada pela hipótese científica e não através de argumentos filosóficos e um dos defensores desta premissa é Dawkins, quando afirma que “o fato de que não se pode nem comprovar nem contraprovar a existência de alguma coisa não coloca a existência e a inexistência em pé de igualdade”¹⁰⁸, ficando a responsabilidade por provar a existência de divindades para aquele/a que defende esta incabível hipótese.

Outro ponto, é que o neoateísmo surge junto com a mudança radical nos últimos tempos na forma como as informações circulam no mundo. Com o aparecimento da internet e

¹⁰⁶ HARRIS, Sam. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 234.

¹⁰⁷ HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 14.

¹⁰⁸ DAWKINS, 2006, p. 41.

todas as ferramentas de comunicação advindas dela, as distâncias foram encurtadas e o tempo necessário para que uma notícia tome proporções universais é impressionantemente baixo. As redes virtuais, blogs e sites têm se popularizado e a internet se tornou acessível a qualquer pessoa e em qualquer lugar do mundo. Nesta linha, o neoateísmo tem se utilizado e marcado presença nas redes sociais, produzindo imenso e extensivo material de divulgação e propaganda da mensagem atea. É muito comum assistir vídeos de seus divulgadores que viralizam e alcançam números surpreendentes de visualizações em pouquíssimos dias.¹⁰⁹

Como já apresentado no capítulo passado, o terrorismo às torres gêmeas em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001, acabou por se tornar a mola propulsora do movimento neoateu. Este fato desencadeou entre seus principais articuladores uma série de ataques ao que comumente é chamado de radicalismo ou fundamentalismo religioso. Na visão de neoateus como Dawkins, a maioria dos conflitos mundiais existentes na ética e na política, ocorrem por terem um caráter ideológico alimentado pela insensatez e intolerância das principais religiões fundamentalistas.¹¹⁰ Sobre o mal que estas religiões fazem às pessoas, Harris chega a declarar:

A religião é, intrinsecamente, um elemento que, em vez de unir, divide. A única coisa que leva os seres humanos a cooperar uns com os outros de modo desprendido é a nossa prontidão para termos as nossas crenças e comportamentos modificados pela via do diálogo. A fé interdita o diálogo, faz com que as crenças de uma pessoa se tornem impermeáveis a novos argumentos, novas evidências. A fé até pode ser benigna no nível pessoal. Mas, no plano coletivo, quando se trata de governos capazes de fazer guerras ou desenvolver políticas públicas a fé é um desastre absoluto.¹¹¹

Mas, neste cenário de um ateísmo mais atuante e que tem cooptado mais e mais pessoas para suas fileiras, acaba por gerar diversos questionamentos como: Quem são os principais nomes do neoateísmo e o que está à frente determinando suas ações? Quais suas principais obras e contribuições para sua expansão? É disto que se tratará a seguir.

2.2 Os quatro brights do neoateísmo

Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens são os personagens mais conhecidos do neoateísmo e fazem parte da denominada escola inglesa do novo ateísmo e reconhecidos como os *bright*s.¹¹² Outra questão a considerar, é que estes

¹⁰⁹ FRANCO, 2014, p. 74.

¹¹⁰ DAWKINS, 2006, p. 372.

¹¹¹ HARRIS, 2007, p. 85.

¹¹² Termo cunhado em 2003 para diferenciar um movimento iniciado por Daniel Dennett, com o objetivo de descrever positivamente aqueles/as que têm uma visão naturalista livre de elementos místicos e sobrenaturais,

senhores são representantes da principal formação ideológica do movimento, tendo como referencial teórico o chamado neodarwinismo. Coincidentemente ou não, o neodarwinismo é o referencial mais utilizado por eles, provenientes da escola de matriz saxônica/inglesa.¹¹³ Mohler destaca que eles são considerados como os pais do ateísmo moderno, tentando atrair mais simpatizantes à bandeira de um mundo sem religião e por isso nada mais justo que dar a eles este título.¹¹⁴ Outros acabam por caracteriza-los como uma espécie de Dom Quixote de La Mancha dos tempos modernos, lutando contra os gigantes moinhos da crença religiosa. É o que avalia Gordon:

Os neoateus constroem para si uma autoimagem de cavaleiros andantes da razão, lutando corajosamente contra os moinhos da fé religiosa. Mas seus escritos nem sempre são marcados por argumentos e escolhas racionais, a obra destes autores é repleta de manifestações de devoção a certas imagens de pensamento.¹¹⁵

Um outro ponto que também merece destaque, é que há um fator de entendimento de que o próprio neologismo, neoateísmo, não é bem aceito entre os ateístas modernos, que o caracterizam como leviano e pejorativo. Franco aduz que a expressão neoateu, é um conceito heurístico que deriva da insistente abordagem que as sistemáticas críticas direcionadas à religião são feitas, tendo como base a teoria evolucionista de Darwin e as recentes descobertas das ciências biológicas no campo da genética e que são conhecidas como visão neodarwinista.¹¹⁶

2.2.1 *O primeiro bright – Richard Dawkins*

Há dois motivos, bem distintos, para iniciar a apresentação deste tópico por Richard Dawkins. O primeiro deve-se ao fato de no meio neoateu, haver um consenso de que ele é o integrante mais importante, atuante e proeminente do movimento.¹¹⁷ O segundo deriva do diálogo que este trabalho promoverá sobre a posição do neoateísmo contrária às religiões e a fé, sendo que tal comunicação ocorrerá entre Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens.

evitando assim as conotações negativas antirreligiosas. Mais tarde este termo que no inglês significa “brilhante ou iluminado”, acabou sendo usado para designar os quatro principais pensadores neoateus de língua inglesa: Richard Dawkins, Daniel Dennett, Christopher Hitchens e Sam Harris.

¹¹³ MINOIS, 2014, p. 522.

¹¹⁴ MOHLER, 2012, p. 11.

¹¹⁵ GORDON, 2011, p. 264.

¹¹⁶ FRANCO, 2014, p. 76.

¹¹⁷ NICODEMUS, 2011, p. 93.

Dawkins é filho de imigrantes ingleses, seu pai era funcionário público do departamento agrônomo do Serviço Colonial inglês e em 1939 foi inicialmente enviado como oficial agrônomo para Niassalândia (atual Malauí), no continente africano e posteriormente transferido para Nairóbi, no Quênia. Foi nesta cidade que Clinton Richard Dawkins nasceu em 1941 e viveu ali até o ano de 1949, quando toda a sua família retorna para a Inglaterra e nunca mais volta à África por razões familiares e de herança. Neste período, já com sua família morando em Over Norton, é matriculado em uma escola preparatória confessional anglicana na pequena cidade de Salisbury, conhecida pelo nome de Chafyn Grove, ali teve seus primeiros contatos com a religião oficial inglesa e tantos outros assuntos espirituais, pois em sua autobiografia detalha que não havia espaço para estes temas por parte dos pais em seu lar, ao ponto de ouvir por diversas vezes sua mãe afirmar que o cristianismo era só uma entre várias religiões e que todas elas se contradiziam e não havia como todas estarem certas.¹¹⁸

Aos quatorze anos ingressa na Oundle School, já como um anglicano crismado e praticante, assim se definia. Dawkins em seu primeiro ano nesta escola, participa ativamente da comunhão sagrada aos domingos, mas já no segundo ano em diante no período da adolescência, começa a repensar todas as dúvidas apontadas por sua mãe na infância sobre religião e cristianismo, ao ponto de, com dezessete anos de idade, já próximo da conclusão de seus estudos como aluno secundarista, experimentar arroubos de militante antirreligioso. Recusava-se constantemente, junto com outros dois amigos a se ajoelhar nas cerimônias religiosas realizadas regularmente na capela daquela instituição escolar, ele pontua que não era um ateu convicto ainda neste momento, pois acreditava que diante do aparente desígnio para a existência do mundo deveria haver um Deus, chegando a dizer:

Mesmo assim retive a crença ferrenha em uma espécie de criador inespecífico, basicamente porque ficava impressionado com a beleza e o aparente desígnio ou projeto do mundo vivo, e me iludi – assim como tantos outros – a crer que a aparência de um projeto exigia um projetista. Enrubesco ao admitir que naquele estágio eu ainda não havia entendido a falácia elementar desse argumento: a de que qualquer deus capaz de projetar o universo precisaria ter uma base de projeto em si mesmo.¹¹⁹

Sua graduação superior e pós-graduação, ocorreram na área de zoologia e biologia em Balliol College, uma das várias faculdades que integram um conglomerado que forma a universidade britânica de Oxford, sempre sob orientação de Niko Tinbergen, famoso etólogo

¹¹⁸ DAWKINS, 2015, p. 145.

¹¹⁹ DAWKINS, 2015, p. 146.

e ornitólogo holandês, ganhador do prêmio Nobel de fisiologia em 1973 e que sempre o estimulou a pesquisar sobre o tema do comportamento animal.

No verão de 1967 aceitou o convite e ocupou o cargo de professor adjunto na cátedra de zoologia, na Universidade da Califórnia de Berkeley, onde ficou até 1969. No ano seguinte, aos vinte e nove anos de idade recebeu uma bolsa de pesquisa que o possibilitou retornar à Oxford, pela New College como professor e recebeu o convite para se tornar membro permanente da Associação Erudita de Especialistas Britânicos, conselho este que reunia diferentes pesquisadores do ramo da ciência em geral.¹²⁰

Entre as diversas obras produzidas por Dawkins, destaca-se as principais: O gene egoísta, de 1976; O relojoeiro cego, de 1986; O rio que saía do Éden, de 1995; A escalada do monte improvável, de 1996; O capelão do diabo, de 2005; Deus um delírio, de 2006; A magia da realidade, de 2011; e seu mais recente livro, A desilusão de Deus, de 2018.

Em 2006, Dawkins fundou a *Richard Dawkins Foundation for Reason and Science*, uma fundação com o objetivo de dar suporte à educação científica e compreensão baseada em evidências do mundo natural e apoio ao ateísmo pelo mundo.

Dawkins é conhecido e se apresenta como um evolucionista convicto e ferrenho defensor de suas teses apresentadas em seus livros e artigos. Aliás, muito de suas pesquisas, baseia-se naquilo que Charles Darwin em sua teoria da evolução já apresentava sobre a seleção natural e que ele reforça afirmando ser “a condição de todo organismo individual se comportar ‘como se’ premeditasse com toda a consciência a melhor conduta para preservar e propagar seus genes”¹²¹. Ataca os dogmas defendidos pela Igreja Católica em relação a origem do universo e do próprio ser humano, com as teorias evolucionistas e a ciência, chegando a definir Darwin como “o maior herói das ciências, sendo que todo conhecimento que há hoje na biologia moderna é uma série de notas de rodapé de Darwin”¹²².

Em sua linha de pensamento e atuação neodarwinista, Dawkins tenta distanciar a ciência da religião, partindo do pressuposto de que todos os questionamentos e dúvidas humanas devem buscar respostas em explicações científicas e não em suposições metafísicas, chegando a colocar a existência de Deus no patamar de uma hipótese científica e dando uma áurea de cientificismo ao novo ateísmo.¹²³ Mesmo reconhecendo que a secularidade tem enfraquecido a presença da religião nos espaços públicos e na esfera privada, Dawkins diz que a ciência tem sido ainda insuficiente para eliminar a religião de maneira completa na vida das

¹²⁰ DAWKINS, 2015, p. 156.

¹²¹ DAWKINS, 2015, p. 274.

¹²² DAWKINS, 2015, p. 221.

¹²³ DAWKINS, 2006, p. 69.

peessoas. Em sua visão, a religião persiste não por conta de uma necessidade genuína de evolução de nossa espécie, mas em função da necessidade de reprodução do meme “parasitário” conhecido como religião.¹²⁴

Na busca incansável pela defesa do ateísmo pela ciência, Franco elenca cinco pontos cruciais na militância de Dawkins que ancora seus ensinamentos, são eles: 1) Os debates entre darwinismo, criacionismo e Design Inteligente, considerando este um campo para o qual nosso autor dedica um espaço bem considerável em suas publicações. 2) As predisposições cognitivas da religião, discussão que fornece base aos argumentos de Dawkins descritos brevemente em *Deus, um delírio*, de 2006, sobre a religião como sendo um subproduto da evolução de predisposições psicológicas que originalmente não teriam relação com a religião, mas que acabam sendo aproveitadas para outras funções que evoluíram social e culturalmente. 3) O instinto de fé e seleção de grupo - Dawkins, ao contrário de alguns autores, trabalha a noção de seleção de gene, rejeitando a seleção de grupo e contrapondo os elementos que caracterizam o sistema religioso como uma expansão da seleção de grupo, através de mecanismos como cooperação, altruísmo, solidariedade, coesão. 4) A teoria memética, originalmente apresentada por Dawkins em, *O gene egoísta*, de 2001, que coloca a religião como um vírus que se replica de modo fácil na mente humana e o classifica como um parasita. 5) O culto a um não tão livre arbítrio, abrindo caminho para um ateísmo natural, no qual defende a desconstrução de alguns mitos em torno do ateísmo como um caminho que envolve esforço cognitivo ao contrário da religião, o que facilmente pode desembocar em afirmações de que o ateísmo é um tipo de pensamento mais elaborado, crítico e maduro que o religioso, com base em explicações das ciências naturais.¹²⁵

A grande ênfase de Dawkins fundamenta-se na ideia de superioridade da ciência sobre a religião, sendo isto a principal causa que encoraja a faceta pública do neoteísmo, a propagandear seus ensinamentos e o transforma em um dos seus maiores expoentes. O pensamento neodarwinista carrega implicações conceituais de um imaginário que identifica na ciência um ideal de racionalidade e objetividade de cunho salvacionista. É quase como dizer que a racionalidade é um atributo da modernidade e que quanto mais a ciência evolui, tanto mais as coisas podem ser apreendidas de modo objetivo e racional.¹²⁶ As religiões, por se fundamentarem em um conhecimento subjetivamente suficiente, seriam representantes do universo emocional, que estariam distantes da verdade. Neste sentido, seu lugar perante a

¹²⁴ DAWKINS, 2006, p. 173.

¹²⁵ FRANCO, 2014, p. 90.

¹²⁶ DAWKINS. *O capelão do Diabo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 244.

ciência seria algo como as fábulas infantis, o lugar da imaginação, da fantasia e do delírio como algo patológico, um vírus¹²⁷, por essa razão ele chega a afirmar que os ateus deveriam se encher de coragem e conclama que “é chegada a hora dos ateus se assumirem”.¹²⁸

Percebe-se que Dawkins em suas obras faz uma leitura neodarwinista como metanarrativa, na busca de uma explicação à religião dentro de um plano evolutivo e a compara como produto de um acidente no processo da evolução do ser humano. Sua intenção visivelmente é reduzir um fenômeno tão anfigúrico como é a religião, a algo sem importância.

Dawkins estabelece que qualquer tipo de interpretação que se faça de Darwin e de sua proposta evolucionista, passa longe de qualquer narrativa e explicação dogmática religiosa sobre a existência do universo e consequentemente do ser humano. Não há nenhuma condição de se harmonizar tais relatos, pois religião trabalha com crença sem evidências científicas, enquanto o neodarwinismo envolve pura ciência e razão.

Este pensamento é claramente compartilhado também por seu companheiro neoateu, Daniel Dennett, filósofo e escritor, mencionado por Dawkins, como referência na publicação de várias obras de cunho científico e base darwinista.¹²⁹ Como será enfatizado a seguir.

2.2.2 *O segundo bright – Daniel Dennett*

Nascido na cidade de Boston (USA), em 28 de março de 1942, graduou-se em filosofia pela Universidade de Harvard em 1963 e recebeu o doutorado pela Universidade de Oxford em 1965, atualmente é professor e codiretor do Centro para Estudos Cognitivos da Tufts University.

Em quarenta anos de pesquisas, realizou contribuições no conhecimento sobre a consciência, a psicologia do desenvolvimento, a inteligência artificial, a teoria da evolução, a filosofia da mente, entre diversas outras áreas. É autor de livros como: Em 1996, *A ideia perigosa de Darwin*; ainda no mesmo ano, *Tipos de mente: rumo a uma compreensão da consciência*; em 2008, *The future of atheism: Alister MacGrath, Daniel Dennett in dialogue* e em 2011, *Science and religion: Are they compatible?*.¹³⁰

Seu livro, *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*, de 2006, de todas as suas publicações, é considerado o mais importante no âmbito ateu, pois seu objetivo

¹²⁷ DAWKINS, 2006, p. 212.

¹²⁸ DAWKINS, 2006, p. 28.

¹²⁹ DAWKINS, 2015, p. 285.

¹³⁰ GILLILAN, Richard. Daniel Dennett. In: JOSHI, S. T. *Icons of unbelief, atheists, agnostics, and secularists*. London: Greenwood Press, 2008. p. 96.

é se aprofundar nas causas naturais para o surgimento das religiões. Seu sentido realístico e significativo na sociedade atual, traz uma ideia que corrobora amplamente dentro do objetivo de esvaziar o sentido do fato religioso ou de prová-lo enquanto um fenômeno natural. Dennett comenta que: “somos apenas o começo de uma nova onda de tentativas explícitas de abalar a fé das pessoas”¹³¹, onde a luta da militância neoateia busca a cooptação de adeptos em prol de um mundo sem religião.

Pelo conteúdo de seu discurso e apelo público, não demonstra ser essencialmente um palavrório contra a existência de Deus ou deuses, mas algo intencional, direcionado contra a ideia de religião. Para ele, o ateísmo, na roupagem em que se apresenta hoje, talvez devesse ser nomeado como antirreligiosismo, questionando principalmente a validade e os efeitos da religião na mente e na vida das pessoas.¹³² Neste ponto Dennett se aproxima muito de seu colega Christopher Hitchens, que assim como ele, usa da dialética para convencer seus leitores da necessidade de um mundo sem religião.

A crítica ateia tenta eliminar a ideia de Deus, como origem do universo. Assim como os ateus de outrora, Dennett tenta demonstrar em seus escritos que o ser humano desenvolveu por uma necessidade natural de sobrevivência, a cultura do ter fé, descrevendo os passos de como os homens criaram Deus à sua imagem e semelhança.¹³³ Apesar de tal argumentação se fazer presente também no pensamento de Dawkins, é na obra de Dennett que se percebe claramente o argumento da crença como sentido meramente cultural. Ele afirma que essa capacidade de crer e de ter esperança em algo foi fundamental para o desenvolvimento da vida em sociedade.¹³⁴ Essa mesma capacidade, diz Dennett, produz humanos mais afeitos a atribuir intenção e finalidade a fenômenos simplesmente naturais e a religião é reduzida a apenas um fenômeno cultural, comparado às artes ou à música.¹³⁵

A fé segundo Dennett, institucionalizou-se na forma religiosa, porque este processo seria útil ao homem. Na sua visão, a religião auxilia o ser humano a estruturar sua própria sociedade, mais que isso, a fé em um ser transcendente, e os ritos de louvor e sacrifício ajudam a humanidade a enfrentar seus temores. Por isso, a fé na imortalidade fortaleceu o homem a enfrentar o cotidiano mesmo tendo consciência sobre sua finitude. Desta forma, a fé enquanto cultura, teria ajudado a humanidade a sair de seu passado tribal e a construir sociedades mais sofisticadas e evoluídas, próprias das religiões monoteístas, como o

¹³¹ DENNETT, Daniel; PLATINGA, Alvin. *Science and religion: are they compatible?* New York: Oxford University Press, 2011. p. 88.

¹³² DENNETT; PLATINGA, 2011, p. 89.

¹³³ DENNETT, 1996, p. 155.

¹³⁴ DENNETT, 1996, p. 157.

¹³⁵ DENNETT, 1996, p. 160.

judaísmo, cristianismo e islamismo, sendo para ele, a única contribuição positiva a destacar da religião.¹³⁶

Dawkins utiliza em seus estudos ateístas, uma teoria memética de bases não empíricas, além de promover uma série de junções entre conceitos científicos e sua militância ateísta.¹³⁷ Tais iniciativas recebem a mesma adesão de Dennett, que define a transmissão da fé entre o ser humano através da teoria dos “memes”, onde os parâmetros religiosos são transmitidos como um vírus na mente dos homens. Estas ideias que pululam de uma mente para outra, são denominadas de “memes”. O termo apresenta os resquícios culturais que insistem em permanecer na memória coletiva de alguns grupos. Os “memes” vão desde a língua que se fala até os ritos de nossa cultura, como festas e celebrações. Assim, como os vírus, essas informações culturais alcançam meios de adaptar-se ao tempo e de serem transmitidas de uma geração para outra.¹³⁸

Para Dawkins, os “memes” atuam em seu próprio benefício e como os genes, são egoístas. Todavia, alguns “memes” culturais são bons para os homens, como a linguagem e outros prejudiciais, como as religiões.¹³⁹ Já Dennett amplia a ideia de Dawkins para revelar que a religião é em sua maioria má para os homens e essencialmente boa para os “memes” que existem dentro dela. É assim que os novos ateus transformam o darwinismo e a genética em uma teoria que extrapola seus campos de análise, tornando-se um sistema teórico que nutre a pretensão de explicar questionamentos filosóficos e religiosos.

Dennett destaca: “O estoque de mentes é limitado, e cada mente tem uma capacidade limitada de memes, portanto, há uma forte competição entre os memes para entrar no maior número de mentes possíveis. Esta competição é a principal força seletiva na memosfera”.¹⁴⁰ Por conta disso, conclui dizendo que alguns memes evoluíram de modo a criar ambientes que dificultem ou impeçam a entrada de memes concorrentes. No caso da religião, o raciocínio crítico é desestimulado através de outros memes, como pecado.¹⁴¹

Em alguns pontos Dennett enaltece a comparação entre memes e vírus como caráter condicionante dos memes. A teoria da memética, coloca a religião como um vírus que se replica de modo fácil na mente humana, entretanto ele acaba por fornecer um antídoto contra o que se refere aos memes religiosos, sendo isto o raciocínio crítico.¹⁴²

¹³⁶ DENNETT, 1996, p. 73.

¹³⁷ DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 88.

¹³⁸ DENNETT, 2006, p. 123.

¹³⁹ DAWKINS, 1989, p. 91.

¹⁴⁰ DENNETT, 2006, p. 129.

¹⁴¹ DENNETT, 2006, p. 130.

¹⁴² DENNETT, 2006, p. 134.

Na visão de Dennett, há uma explícita confirmação de que o fenômeno religioso não deve ser entendido pelo campo do sobrenatural. A crença, a forma de se acreditar no etéreo e desconhecido estariam no âmbito da natureza humana, por isso deveriam ser estudadas do ponto de vista das nossas inclinações mentais e cognitivas.¹⁴³

Dennett, por diversas ocasiões se comunica com seus colegas neoateus, Dawkins e Hitchens, reforçando a ideia de que em nada a religião contribui para melhorar a vida do ser humano, gerando preconceito, perseguição e morte. Dos quatro brights, ele é o que melhor consegue caminhar entre os dois mundos, o da persuasão científica de Dawkins, mesmo sem formação na área científica e o da retórica dialética humanista de Hitchens, como será apresentado a seguir.

2.2.3 O terceiro bright – Christopher Hitchens

Christopher Hitchens nasceu em 13 de abril de 1949, em Portsmouth, na Inglaterra. Foi formado em filosofia pela Balliol College da Universidade de Oxford. Escreveu para vários periódicos e os temas de suas publicações vão desde religião, arte, política, guerra e literatura, entre tantos livros já escritos, o mais significativo em relação a suas ideias com respeito a religião é, *Deus não é grande: como a religião envenena tudo*, de 2007. Em 1981 mudou-se para os Estados Unidos, onde morreu de câncer em 15 de dezembro de 2011, em Houston, Texas.¹⁴⁴

Como um dos quatro brights que encabeçam a ala militante do movimento ateu moderno, Hitchens teve no ataque à religião o ponto principal de sua carreira. Para ele a religião era uma invenção do homem para alimentar a sua própria mesquinhez por poder, e declarou: “A ideia de ser ateu é professar a crença no nada. Porém, acreditar em um deus é uma forma de expressar uma predisposição para acreditar em qualquer coisa”.¹⁴⁵

Sobre a religião, ele comenta que ela não serve como parâmetro moral, pois qualquer outro segmento da vida humana, como a arte, tem contribuições muito maiores e edificantes a oferecer do que a Bíblia e o Alcorão, por exemplo. A religião não é a fonte da moral e o comportamento moral não necessita da religião.¹⁴⁶

¹⁴³ DENNETT, 2006, p. 207.

¹⁴⁴ Celebrity's biography. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/christopher-hitchens--20845987#later-works-anddeath>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

¹⁴⁵ HITCHENS, 2007, p. 221.

¹⁴⁶ HITCHENS, 2007, p. 224.

Sua posição em relação à religião sempre foi muito negativa ao ponto de destacar que a moral não necessitava da religião para sua existência, pois acabava por propiciar e conceder muitos males que já ocorreram e continuariam a ocorrer no mundo. Tudo o que a religião poderia aparentemente ter elencado de benefício, foi em nossos dias dispensável. Afirmava que religião era passado, mesmo não crendo, como mesmo destacava, que a religião desaparecesse da sociedade em algum momento.¹⁴⁷

Hitchens atacava as religiões por se intrometerem em áreas como a política para defesa de suas posições religiosas, quer seja na moral, na educação ou na organização do Estado, exigindo aos outros suas pretensões. Via na união das religiões com o poder político, seja ela qual fosse, uma forma sempre ilícita de se obter vantagens e era sabido que esse engajamento se deu com governantes reconhecidamente espúrios como: Stalin, Mussolini, Hitler, Sadam Hussein, entre outros. A religião aliou-se e ajudou a fortalecer sistemas de governo que cometeram terríveis assassinatos e genocídios; sobre isto, ele chegou a dizer: “Assim, aqueles que invocam a tirania ‘laica’ em contraste com a religião esperam que nos esqueçamos de duas coisas: a relação entre as igrejas cristãs e o fascismo, e a capitulação das igrejas ao nacionalismo-socialismo”.¹⁴⁸

Destacava que as declarações metafísicas das religiões eram falsas, os fundadores das religiões têm uma visão primitiva e ultrapassada do mundo e do ser humano. A religião é uma fonte permanente de ignorância, há muito pouco para aprender com elas em sua milenar história. Hitchens compartilhava com Dawkins a assertiva de que Deus não é uma boa explicação das coisas, pois ele mesmo já gera o problema da dúvida em saber quem o criou.¹⁴⁹

Uma de suas declarações, sustenta que as religiões têm um começo permeado de interesses nada celestiais, mas humanos e financeiros. E que há em seus indícios, pessoas diretamente comprometidas com a religião que sabem que ela não é verdadeira e, portanto, não acreditam nela, mas se beneficiam com a manutenção das crenças, trabalhando criminosamente com a inocência de seus fiéis.¹⁵⁰

Hitchens questionou em diversas de suas obras, a validade da religião, relacionando vários exemplos de homens e mulheres de diversas religiões, e que tiveram um comportamento imoral que não coadunava com aquilo que supostamente professavam. Enquanto outras pessoas não religiosas tiveram um comportamento moral elevado, fazendo

¹⁴⁷ HITCHENS, 2007, p. 237.

¹⁴⁸ HITCHENS, 2007, p. 263.

¹⁴⁹ HITCHENS, CHRISTOPHER. *Cartas a um jovem contestador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 194.

¹⁵⁰ HITCHENS, 2007, p. 166.

crer que suas crenças morais e de valores, não dependiam diretamente da religião, e até iriam contra a moralidade estabelecida ou a da maioria dos integrantes daquela religião em um dado momento. Hitchens, trouxe como exemplo o caso de Martin Luther King, que era notório e de conhecimento público ter amantes, onde constantemente se envolvia em orgias e bebedeiras, neste caso todos sabiam que ele não era nenhum santo, no sentido religioso tradicional. Porém, transpassou o racismo em prol de uma visão libertária e de igualdade racial, chegando a morrer por ela. Ele até poderia se expressar em linguagem religiosa, pois era pastor, mas suas motivações eram de ordem social e não de um viés religioso.¹⁵¹

Hitchens apresentou que não há como relacionar, se quanto mais devoto e religioso alguém é, mais ético ele será; igualmente, se quanto menos religiosa, também menos moral seria uma pessoa. Atrocidades sempre foram e sempre serão justificadas pelas religiões, como são os casos de racismo e de submissão feminina. Em sua exemplificação, ele destacou o protagonismo de Mahatma Gandhi, quando da emancipação da Índia, sendo ele um respeitado líder espiritual e ancião hindu, Gandhi através de seu legado e convicções religiosas desejava que a Índia retornasse para um tipo de sociedade dominada por aldeias e voltada ao primitivismo, para tanto, muitas vezes incentivou o uso da violência como medida para alcançar o que chamou de independência do seu país e retrocesso ao passado em nome da tradição. Por ter boa parte do congresso dominado pelos hindus à época, Gandhi promoveu uma mensagem divisionista e um apelo para que a sociedade abandonasse a modernidade alcançada nos tempos do domínio britânico. Hitchens finalizou sua declaração dizendo que provavelmente milhões de pessoas teriam morrido de fome, se seus conselhos tivessem sido seguidos, porém Gandhi foi assassinado mesmo lutando pelo retorno às origens, por um grupo sectário hindu e que não aceitava na visão deles, de seu desvio da verdadeira religião.¹⁵²

Diferente de Harris, Hitchens sustentou que as religiões orientais, como o budismo, o confucionismo ou o hinduísmo, não deveriam ser vistas como melhores que o monoteísmo do judaísmo, cristianismo e islamismo. Há suborno, corrupção, crimes de toda ordem, assassinatos, monges parasitários da sociedade e apoio a regimes totalitários que estão atuantes nas religiões orientais, como estão nas ocidentais. Em suas palavras, em relação a essas religiões orientais, ele declarou: “Um credo que despreza a mente e a liberdade individual, que predica a submissão e a resignação e que considera que a vida é uma coisa tão passageira e desgraçada está mal equipado para a autocrítica”.¹⁵³

¹⁵¹ HITCHENS, 2007, p. 207.

¹⁵² HITCHENS, 2007, p. 219.

¹⁵³ HITCHENS, 2007, p. 182.

De acordo com Hitchens, as declarações metafísicas das religiões eram falsas. Seus fundadores tinham uma visão limitada, primitiva e ultrapassada do mundo e do homem, e a religião sempre foi uma fonte de obscurantismo. Havia muito pouco a se aprender com elas, mesmo tendo uma prolongada história de existência.¹⁵⁴

Diversos ataques foram disferidos em suas publicações à revelação divina, revelação que é fortemente sustentada pelo judaísmo, cristianismo e islã, as três principais religiões monoteístas. A revelação por parte de Deus seria evidência e fonte de conhecimento para a religião, bem como para alegar sua base racional, contudo Hitchens apontou o primeiro problema, que foi o pluralismo de revelações. Quem está certo no final das contas, os judeus, os cristãos ou os muçulmanos? Depois, a dependência do cristianismo e principalmente do Islã em relação à revelação das religiões que a precederam, o judaísmo, e igualmente o cristianismo; ele alegava que os historiadores mostravam como esses livros são uma mistura de várias doutrinas e de escolhas arbitrárias; além, claro, de conterem muitos erros factuais, contradições e encerrarem uma moral problemática. Em suma, os livros dessas principais religiões, não são fontes dignas de confiança, quer como base para qualquer informação fidedigna que se busque, quer para a orientação moral.¹⁵⁵

Por último, Hitchens disse claramente que sua aceitação da teoria da evolução não estava baseada na fé, mas em constatações e evidências. Suas alegações não eram fundamentadas por dogmas e não solicitava às pessoas que cressem no que dizia apenas com base em sua autoridade como acadêmico, diferente do que faz a maioria das religiões no mundo. Para ratificar esta posição, chegou a citar seu colega, também militante ateu, Daniel Dennett:

O professor Daniel Dennett e os seus apoiantes têm sido muito criticados por explicarem a religião como ‘uma ciência natural’. Esqueçam o sobrenatural, afirma Dennett, podemos descartá-lo ao mesmo tempo que aceitamos que houve sempre pessoas para quem ‘a crença na crença’ é uma coisa boa em si. Os fenômenos podem ser explicados em termos biológicos.¹⁵⁶

Dos quatro brights, Hitchens é o único que não se utilizava de pressupostos das ciências cognitivas e argumentos neodarwinistas para defender seus pressupostos neoateus, permanecendo fiel à sua área de atuação: o jornalismo. Seu estilo agressivo e taxativo, trazia referências à literatura e aos acontecimentos históricos, sempre ratificando aspectos danosos das religiões majoritárias.

¹⁵⁴ HITCHENS, 2007, p. 224.

¹⁵⁵ HITCHENS, Christopher. *Amor, pobreza e guerra*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 111.

¹⁵⁶ HITCHENS, 2007, p. 197.

2.2.4 O quarto bright – Sam Harris

Samuel B. Harris, ou simplesmente Sam Harris, nasceu em Los Angeles, no dia 09 de abril de 1967. A família de seu pai integrava o movimento religioso dos quakers e sua mãe era uma judia não praticante. Apesar desta condição, Harris vivia em um ambiente hostil à religião em casa, onde a discussão sobre esse tema nunca era bem-vinda. Surpreendentemente desenvolveu um grande interesse por assuntos religiosos, fazendo-o estudar filosofia na busca por respostas e sentido de vida. Aos dezenove anos de idade desiste da Universidade de Stanford, depois de se envolver com o ecstasy e outras drogas que alteravam significativamente o estado da sua consciência. Opta por fazer viagens ao redor do mundo e estudar as religiões orientais, em especial o hinduísmo e budismo, posteriormente se torna budista praticante, não obstante sem dogmas.

Em 1997, retorna a Stanford e completa a graduação em filosofia no ano de 2000. Também completou um doutorado em neurociências, com um estudo sobre as diferenciações cerebrais nos estados de crença, não crença e incerteza pela Universidade da Califórnia.

Após o atentado de 11 de setembro, começa a trabalhar em seu primeiro livro em 2004: *O Fim da Fé: religião, terror e o futuro da razão*, tornando-se um *best-seller* durante semanas nos Estados Unidos e sendo a primeira obra ateísta associada diretamente ao movimento neoateu, na qual ele enfraquece a validade das religiões. Apesar de seus anos de aprendizado espiritual como budista, ele se contradiz com a afirmação de que as crenças religiosas não guardam a verdade ou fazem algum sentido, passando a defender o ceticismo científico, que não aceita qualquer argumento ou noção sem evidência apropriada. Ele tenta desesperadamente consubstanciar seus pontos de vista, dando um exemplo de que, se uma pessoa secular começa a seguir tais crenças, então suas ações seriam automaticamente consideradas como o de uma pessoa insana.¹⁵⁷

Sam Harris é um dos fundadores do *Project Reason* em 2007, uma entidade sem fins lucrativos com a finalidade de promover a pesquisa, nas artes, na educação, na publicação de livros, entre outros ramos, para o pensamento crítico/analítico e não dogmático ou supersticioso e focado na difusão da ciência e valores seculares por meio de conferências, filmes e patrocínio de estudos científicos, ligados ao debate do neoateísmo.¹⁵⁸

¹⁵⁷ About Sam Harris. Disponível em: <<https://samharris.org/about/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

¹⁵⁸ Project Reason. Disponível em: <<https://www.project-reason.org/>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

Em 2006, escreve o livro *Uma carta a uma nação cristã*, em resposta às críticas que seu primeiro livro havia recebido. O ponto mais contestado desta obra é a alegação de que os religiosos equilibrados são também responsáveis pelo fundamentalismo religioso, pois estes admitem um tipo de religiosidade não coerentemente e não fundamentado na racionalidade; mantendo assim, as chances abertas para qualquer forma de radicalismo praticado por religiosos fundamentalistas. Quando os religiosos, moderados ou radicais são arguidos de seus credos, acabam por descobrir que estão totalmente baseados em uma fé sem razão e nunca defendidos por um raciocínio lógico dedutivo. Tais crenças geralmente são aceitas por propostas baseadas na própria experimentação ascética de vida ou no testemunho sobrenatural de outros.¹⁵⁹

Em seu combate à religião, Harris procura construir uma nova cosmovisão, tanto no âmbito individual como coletivo, sendo uma espécie de reencantamento do mundo baseado nos valores da ciência. Ele se interessa por combater as crenças não verificadas ou falsificáveis; seu foco é a fé. Há aspectos na religião que se fundamentam em necessidades humanas profundas.¹⁶⁰

Todas as boas ações nas religiões podem ser encontradas em outras parcelas da sociedade, por exemplo, se a observância ética e espiritual puder ser alimentada e expressada sem a presunção de conhecer situações que evidentemente não são dominadas pelo transcendente, então todo o resto da agitação religiosa e o medo alimentada por ela simboliza na melhor das possibilidades, uma enorme perda de tempo e energia. Harris define:

Muitas vezes me perguntam o que substituirá a religião organizada. A resposta, acredito, é nada e tudo. Nada precisa substituir doutrinas absurdas e controversas, com a ideia de que Jesus retornará à Terra e lançará os descrentes em um lago de fogo, ou de que a morte em defesa do islã é o bem supremo. Trata-se de ficções aterradoras e degradantes. Mas, e quanto ao amor, à compaixão, à bondade moral e à autotranscendência? Muita gente ainda imagina que a religião é o repositório verdadeiro dessas virtudes. Para mudar essa noção, precisamos falar sobre toda a gama de experiências humanas de um modo livre de dogmas, como já é a melhor ciência.¹⁶¹

Para Harris, as religiões têm, no decorrer da história, reivindicado de seus seguidores que mantenham crenças desassociadas da razão ou plausibilidade. A crença em si não é danosa, mas o problema é que elas definem nossa conduta; procede-se geralmente do modo como se raciocina a respeito de nós mesmos, dos outros e do mundo, é nesse momento que os problemas com a fé se tornam determinantes. Harris aponta o exemplo de um religioso

¹⁵⁹ HARRIS, 2007, p. 64.

¹⁶⁰ HARRIS, 2009, p. 100.

¹⁶¹ HARRIS, 2015, p. 15.

mulçumano que falece como mártir em um ataque suicida para conquistar o paraíso e passa a ser digno diante de sua família.¹⁶²

As crenças de acordo com Harris, devem ter certas características para poderem ser aceitas, um desses atributos é que as crenças têm de ser congruentemente racionais umas com as outras, evitando a divergência em um método de crenças; ele reconhece que isto nunca será possível ocorrer, provando com isto que só por elas, nunca será possível aceitar as religiões como algo digno de seriedade. Harris entende que essa regra é a melhor, pois em sua opinião, não pode haver um somatório de crenças que seja inteiramente descomplicado: “as crenças devem retratar o mundo. Se as crenças constituem o mundo, deverão ser autênticas; do contrário, são espúrias”¹⁶³.

Ele critica não somente as religiões radicais e fundamentalistas na forma como creem no sentido exato e absoluto de sua crença, mas ele vai além, criticando seus livros sagrados que corroboram estas crenças, por considerarem esses escritos como revelação e inerrância divina.¹⁶⁴

Harris ataca também os religiosos equilibrados, pois para ele, os religiosos moderados na busca incansável pela oportunidade à liberdade religiosa, acabam por tornar possível o radicalismo religioso, publicitando a ideia de que todos têm o direito a uma religião, e a uma nova interpretação da crença que professam, mesmo que isto implique em crimes praticados por radicais em virtude de interpretações obtusas. Pequenos eventos maléficos, causados por fundamentalistas não devem justificar o ataque à liberdade de se cultuar; Harris interpela contra a liberdade religiosa, afirmando que “o comedimento na religião não é uma virtude inerente a ela própria, pois no Ocidente, ela ocorre pela luta entre o pensamento moderno e a religiosidade, gerando ilicitudes e crimes em nome de Deus”.¹⁶⁵

No entanto, Harris não enxerga a religião em si mesma como algo tão ruim, quando compreendida enquanto um apanhado de atividades em que algumas delas até podem se salvar e serem provadas racionalmente. Ele conclui que algumas até promovem identidade, senso de pertencimento, e agrupamento de grupos e comunidades. Contudo, também reconhece que esse ponto positivo da religião não é encontrado somente nela, pois outros fatores como: necessidades e interesses ambientais, sociais, políticas, entre outras, podem manter os homens coesos como sociedade.¹⁶⁶

¹⁶² HARRIS, 2009, p. 132.

¹⁶³ HARRIS, 2009, p. 133.

¹⁶⁴ HARRIS, 2009, p. 34.

¹⁶⁵ HARRIS, 2009, p. 35.

¹⁶⁶ HARRIS, 2015, p. 98.

Para ele, as religiões, com seu hábito místico e espiritual, revelam algo real e que deve ser levado em consideração, desde que libertadas das credices. Evidentemente, que essa espiritualidade ou misticismo deve ser fundamentada na neurociência, reconhecendo que essa realidade ainda não encontra uma elucidação ampla em desvendar uma proporção espiritual do ser humano existente. Essa religiosidade ou mística, destaca Harris: “nos permite avançar com as barreiras do nosso próprio ‘eu’”.¹⁶⁷ A experiência mística tem lugar e significado para explicar uma razão mais profunda do mundo e da própria extensão da consciência humana, auxiliando o ser humano no autoconhecimento. De acordo com Harris, a configuração enigmática da religião no sentido de uma análise privada do ser humano não seria um problema para o neoteísmo, porém, quando ela extrapola para a falta de racionalidade em sua fé religiosa é que o problema é estabelecido.¹⁶⁸

A religião tem sua força fomentada no medo da morte e nas quimeras oferecidas para o resultado completo do que ocorrerá no pós-morte. Na visão de Harris, o temor do fenômeno morte é uma razão para a crença. “Se não fosse mortal, a intervenção da religião seria irrelevante, o ser humano tem medo de morrer e como medroso, tem necessidade da religião”.¹⁶⁹

Para Harris, o Deus das religiões monoteístas é um sujeito ridículo, caprichoso, petulante, cruel, e fazer um pacto com ele não garante a saúde e nem a felicidade. Harris também sustenta já se saber “o suficiente para dizer que o Deus de Abraão não apenas não merece a imensidade de toda a Criação; ele não merece sequer o homem”. Fazendo uma síntese da concepção de Harris, pode-se dizer que o Deus das religiões abraâmicas é desprezível e é uma projeção das péssimas qualidades humanas.¹⁷⁰

Em sua definição, Harris diz que acreditar em um Deus que está no controle do ser humano, responsável por sua alegria e tristeza é não viver a maturidade que esta vida exige, tirando de si a responsabilidade pelas consequências das escolhas. É muita infantilidade pensar em um Deus que assume o papel de senhor do destino da humanidade. “Na visão verdadeiramente adulta, nós decidimos se nossa vida será significativa, plena, maravilhosa ou não”.¹⁷¹

Quando é agregado a crítica ateia de Dawkins com a do filósofo Sam Harris, tem-se a percepção de que a fé é intrinsecamente ruim; a religião é um elemento desagregador que só

¹⁶⁷ HARRIS, 2015, p. 102.

¹⁶⁸ HARRIS, 2015, p. 103.

¹⁶⁹ HARRIS, 2015, p. 55.

¹⁷⁰ HARRIS, 2009, p. 202.

¹⁷¹ HARRIS, 2007, p. 81.

faz dividir os seres humanos. Para ambos, a fé religiosa impede o diálogo e faz com que, a partir de dogmatismos e fundamentalismos, a razão esteja fechada às novas evidências. Tanto Harris quanto Dawkins, concordam que é na separação radical entre religião e ciência, que reside a visão verdadeira do mundo; eles não escondem o propósito de manter vivo o conflito entre razão e fé, pois é nesta tensão que reside a autenticidade entre conhecimento e ignorância, entre viver no autoengano ou na honestidade intelectual.¹⁷²

Por fim, se tratando de espiritualidade, Harris afirma que é de suma importância para qualquer pessoa desenvolver uma espiritualidade e que é possível fazê-la sem passar pela crença em algum tipo de deus. A religião para o homem é essencialmente má, porém, a espiritualidade é importante no auxílio do autoconhecimento e como ferramenta para uma vida melhor. É necessária a quebra de paradigma, preconceito no meio secular e achar que a espiritualidade é de domínio da religião apenas, Harris enfatiza que há lugar para a espiritualidade na razão:

A espiritualidade continua a ser a grande lacuna do secularismo, humanismo, racionalismo, ateísmo e todas as outras posturas defensivas que homens e mulheres racionais adotam na presença da fé irracional. Pessoas de ambos os lados dessa divisão imaginam que a experiência visionária não tem lugar no contexto da ciência, salvo nos corredores de um hospital para doentes mentais. Enquanto não pudermos falar sobre a espiritualidade em termos racionais – reconhecendo a validade da autotranscendência – nosso mundo permanecerá dilacerado pelo dogmatismo.¹⁷³

Dos quatro brights apresentados neste capítulo, ele é o único que defende declaradamente a tese de haver a necessidade de qualquer forma de espiritualidade no ateísmo. Mais a frente, será perceptível que na cadeia de pensamento neoateu, ele não está sozinho.

O propósito principal deste capítulo, foi apresentar os principais expoentes da escola inglesa do ateísmo moderno e demonstrar os conceitos alardeados por eles de maior destaque. Notadamente percebeu-se que há entre eles uma certa interligação de pensamento e diálogo que ocorre do confronto entre a ciência e a religião, buscando fortalecer a descrença e diminuir a fé na existência de divindades.

Claramente o referencial teórico utilizado por Richard Dawkins, Daniel Dennett e Sam Harris é o neodarwinismo, que tem como objetivo defender ideias norteadas por um pensamento lógico/cognitivo e esteado na ciência. Contudo, dos quatro autores mencionados nesta parte da pesquisa, o único que rejeita parcialmente esta proposta é Christopher Hitchens, que busca bases na retórica filosófica metafísica e argumentos históricos.

¹⁷² HARRIS, 2009, p. 176.

¹⁷³ HARRIS, 2015, p. 106.

Apesar de haver esta diferença referencial de Hitchens em relação aos outros três autores, todos se unem para a propagação do movimento neoateu erguendo algumas bandeiras em comum, como: 1) identificar as religiões como essencialmente más ao homem, sendo uma ferramenta de alienação e retrocesso para o avanço de uma sociedade mais tolerante diante de assuntos que na visão religiosa, seriam moralmente polêmicos. 2) Compreender que longe do que se afirma, a religião não é detentora da moral, dos princípios e valores, podendo haver respeito aos direitos e à igualdade humana fora do ambiente religioso. 3) A laicidade do Estado como forma ideal de relação entre poder público e cidadãos, sem a completa interferência de qualquer tipo de religião. 4) A resposta aos questionamentos ontológicos deve vir pela ciência, o ser humano deveria se afastar das hipóteses metafísicas, defendido por Dawkins, Dennett e Harris, mas parcialmente rejeitado por Hitchens, e lutar pelo distanciamento da ciência, da religião. 5) O ataque sistemático ao que eles denominam de fundamentalismo religioso, direcionado especificamente as três principais religiões monoteístas abraâmicas, a saber: judaísmo, cristianismo e islã. 6) A possibilidade do exercício de uma certa forma de espiritualidade ateia, contudo desligada da fé cega. Pensamento este defendido veementemente por Harris, porém respeitado, mas não completamente aceito pelo restante do grupo.

Concluí-se que, a forma como os quatro brights do neoateísmo atuam na proliferação sistemática e quase uníssona dessas mensagens, torna-as facilmente entendidas a pessoas comuns e cada vez mais secularizadas. Utilizando-se inteligentemente de ferramentas, como a mídia e as redes sociais para sua divulgação, têm contribuído para o avanço da causa ateística nos últimos tempos no mundo.

Aliás, a espiritualidade ateia, destacada acima como uma das causas defendidas principalmente por Sam Harris, será o tema do próximo capítulo. Sobre este assunto, será apresentada a visão de dois expoentes do ateísmo francês, Michael Onfray e André Comte-Sponville, já que a discussão prevalente da escola francesa de ateísmo é a possibilidade de haver ou não um certo tipo de espiritualidade ateística.

3 IMPLICAÇÕES DO NEOATEÍSMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Este último capítulo se concentrará na busca pelas implicações que o neoateísmo tem trazido a sociedade contemporânea, porém não negligenciará as reverberações destas consequências também dentro do próprio movimento. Um dos pontos mais controversos do ateísmo moderno é a possibilidade de se praticar a espiritualidade como ateu, produzindo no neoateísmo a polarização entre dois pontos de vista: o ascetismo hedonista e a espiritualidade ateia; esta parte do trabalho se debruçará no entendimento da proposta de cada uma delas. Por último, dedicar-se-á a uma análise de como o novo ateísmo tem afetado as principais religiões monoteístas.

3.1 A Revolução Francesa e o ateísmo moderno

A França, berço das principais revoluções sociais, culturais e políticas no mundo, sendo a principal delas, a Revolução Francesa, que no final do século XVIII trazia entre seus conceitos os ventos da liberdade, igualdade e fraternidade, além de um ideário de rejeição ao totalitarismo da aristocracia e o advento ao poder pela burguesia, não poderia ficar de fora da proposta revolucionária antirreligiosa trazida pelo neoateísmo e que atinge a sociedade contemporânea atualmente.

Arelada ao Iluminismo que já por volta do século XVI promovia mudanças significativas na filosofia, ciência, política e também no pensamento religioso da época, surge a Revolução Francesa tendo como ênfase o trabalho e ações que se seguiram contra a religião dominante e a associação entre o alto clero¹⁷⁴ e a nobreza¹⁷⁵ daquele tempo, cada um (reis, senhores feudais e líderes religiosos) dependia do outro para a manutenção do *status quo*, ratificando no poder a realeza com o suposto apoio de Deus. Neste período, buscando desarticular qualquer forma de resistência, os líderes revolucionários desapropriaram os bens da Igreja, nacionalizaram todos os recursos eclesiásticos e passaram suas propriedades às

¹⁷⁴ No reinado francês antes de 1789, o alto clero era constituído por líderes (bispos) da Igreja Católica, que em sua maioria haviam nascido de famílias possuidoras de muitas riquezas e latifúndios.

¹⁷⁵ A nobreza francesa era formada por famílias ricas e dominantes e dividida em dois tipos: A nobreza real, que era constituída pela família dos reis e monarcas; e a segunda, que era a nobreza por atribuição, formada por famílias ricas e abastadas, que compravam por uma boa quantia em dinheiro e recebiam dos reis os títulos de nobreza, usufruindo assim de algum tipo de status e facilidades na sociedade.

mãos da burguesia.¹⁷⁶ Na nova constituição promulgada em 30 de setembro de 1791, definiu-se que surgiria a partir daquele momento uma sociedade burguesa e capitalista¹⁷⁷, no lugar de uma sociedade feudal e aristocrática¹⁷⁸, além de uma Igreja que ficaria daquele ponto em diante separada do Estado, mas sob sua tutela.¹⁷⁹ Coggiola chega a declarar o seguinte:

Antes, em 19 de abril de 1791, o Estado nacionalizou e passou a administrar todos os bens da Igreja Católica, sendo aprovada em julho a Constituição Civil do Clero, por intermédio da qual os padres passavam a ser funcionários públicos. Ficavam assim separados a Igreja e o Estado; os padres deveriam prestar e jurar obediência ao Estado Civil. Determinava-se também que os bispos e padres de paróquia seriam eleitos por todos os eleitores.¹⁸⁰

A radicalização contra a Igreja, aflorou daquele ensejo em diante movimentos que de tempos em tempos se levantavam contrários a uma única forma de pensamento e religiosidade, encontrando simpatizantes que discordavam veementemente da forma fabulosa de crenças baseadas somente na fé em detrimento da razão. Método este difundido pelo racionalismo dos iluministas e que era contrário aquilo que a religião promovia, além de se compreender que tudo corroborava para um meio de subjugação do povo pelos governantes e o sistema clerical.¹⁸¹

Contudo, afirmar que a Revolução Francesa perseguiu a religião não é de todo correto, muitos que fazem essa afirmação supõem ou tentam fazer pensar que os revolucionários tinham os nobres planos de construir uma sociedade laica na qual os segmentos religiosos não tivessem privilégios e nem fossem relevantes na vida pública. O que os revolucionários realmente tentaram foi substituir as religiões históricas por uma “religião de Estado”, com suas próprias pretensões teológicas, funcionários, elites e privilégios, visando assegurar que os cidadãos se submetessem à lei não apenas no comportamento externo, mas inclusive na consciência e no coração usando para isso a obediência a Deus como pretexto.

Mas, a procura incontrolável pela liberdade fazia com que cada vez mais pensadores buscassem a independência desse “Deus opressor”, tendo a coragem de expor a sua forma até

¹⁷⁶ Classe social surgida na Europa na Idade Média e que era composta normalmente por comerciantes ou profissionais liberais (médicos, boticários, construtores, etc.) e que formavam uma camada intermediária entre o povo e a nobreza. Equivaleria hoje a classe média na sociedade atual.

¹⁷⁷ Constituído pelos burgueses e que lideraram a Revolução Francesa, passando a dominar as riquezas do Estado e da Igreja Católica, formando uma sociedade com fim capitalista.

¹⁷⁸ Tipo de sociedade formada pela aristocracia proprietária de terras (composta pelo alto clero e pela nobreza) e pela massa de camponeses que serviam aos nobres quase em regime de escravidão.

¹⁷⁹ BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução na França*. 2. ed. São Paulo: Vide Editorial, 2017. p. 34.

¹⁸⁰ COGGIOLA, Osvaldo. Novamente, a Revolução Francesa. *Projeto História*, São Paulo, v. 23, n. 47, p. 280-295, 2013, p. 286.

¹⁸¹ BURKE, 2017, p. 63.

então criminalizada de descrença em uma divindade, seres transcendentais e em fundamentos filosóficos judaico-cristãos dominantes.¹⁸² Porém, antes da Revolução Francesa propriamente, já se destacavam naquele país filósofos e pensadores como: Jean-Jacques Rousseau, Jean Meslier, Julie Offray de La Mettrie, Jean Le Rond d'Alembert, Denis Diderot, Anacharsis Cloots, Claude Louis Berthollet, Marie Jean Antoine Caritat, que reforçavam a necessidade de mais racionalismo, credibilidade ao cientificismo e enfraquecimento das credências defendidas pela igreja. Eles sedimentaram o caminho para que mais tarde outros pares franceses também pudessem expressar seu apoio a razão, à oposição declarada à religião e objeção à fé na existência do sobrenatural, neste sentido apresentam-se os seguintes nomes: Auguste Comte, Émile Zola, Émile Armand e George Bataille e Jean-Paul Sartre.

Como no passado, parecendo resgatar suas raízes infundidas no Iluminismo e na Revolução Francesa, o neoteísmo francês se levanta em pleno século XXI como uma importante escola do pensamento ateu e destaca-se por seu protagonismo na atuação da propagação de sua mensagem e na busca por romper as barreiras do preconceito.¹⁸³

3.2 Espiritualidade no neoteísmo

O conceito espiritualidade dentro do universo ateu é um dos pontos mais controversos e que tem alcançado discussões fervorosas no ambiente neoteu,¹⁸⁴ havendo aqueles/as que defendem e aqueles/as que rejeitam qualquer forma de espiritualidade no ateísmo. Entre os que são defensores está Sam Harris, que chega a declarar que “a espiritualidade deve ser distinta da religião. Pessoas de todos os credos e aquelas que não têm fé alguma têm os mesmos tipos de experiências espirituais; um princípio mais profundo deve estar em funcionamento”¹⁸⁵. Contudo, para o entendimento e acompanhamento da abrangência aludida neste trabalho faz-se necessária em primeiro lugar a compreensão das diferenças conceituais por trás dos termos religião e espiritualidade, já que as duas aparentemente estão tão intimamente ligadas.

Para Kirkpatrick, a religião é definida como um sistema de crenças em um Deus ou deuses, envolvendo rituais de adoração e com um seguimento de normas e condutas éticas

¹⁸² BURKE, 2017, p. 90.

¹⁸³ COSTA, Abraão Lincoln Ferreira; PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. Neoteísmo: questões e desafios. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 127-144, 2010, p. 133.

¹⁸⁴ MOTA, 2010, p. 36.

¹⁸⁵ HARRIS, 2015, p. 111.

para a prática do bem, com o objetivo de tornar seus seguidores melhores seres humanos.¹⁸⁶ Já a espiritualidade pode ser entendida como um conjunto de crenças, atitudes e práticas que buscam transcender e alcançar o mundo espiritual sem regras bem claras, tentando assim, por seus próprios caminhos conquistar o bem-estar e a paz interior, podendo neste caso estar ligada ao culto e adoração ou simplesmente não.¹⁸⁷ Percebe-se, em um primeiro momento, que a diferença entre um conceito e outro é bem sutil, por isso alguns tentam buscar uma distinção menos prolixa, afirmando que religião é um movimento coletivo, enquanto espiritualidade é meramente individual.¹⁸⁸ Por fim, destaca-se que a palavra espiritualidade normalmente era vista como um patrimônio exclusivo das tradições religiosas, sobretudo as abraâmicas. Tanto é verdade que na busca pela compreensão do que era espiritualidade, Droogers chegou a afirmar:

A espiritualidade como conceito não existe nas ciências da religião. Ela não é uma categoria que os cientistas da religião usam nas suas descrições e nos seus livros de introdução. E a razão parece estar clara: espiritualidade é um conceito cristão cuja definição quase sempre é formulada em termos teológicos, incluindo exatamente as pressuposições avaliadoras sobre verdades e objetivos que as ciências da religião querem evitar nas suas descrições. Quando se fala em espiritualidade isso se faz muitas vezes em termos de um ideal, um objetivo a alcançar, indicando como a vida do crente deveria ser. As ciências da religião, porém, querem estudar o que existe, o que é observável, sem se perguntar necessariamente se esta prática se aproxima do ideal ou não. Será que um conceito, que frequentemente representa um ideal cristão poderá ser empregado também no estudo de fenômenos parecidos em outras religiões?¹⁸⁹

O tema espiritualidade, além de abrangente, não é assunto de discussão e patrimônio somente no mundo teológico, mas também das ciências da religião, além de tantas outras áreas. Entretanto, nos últimos anos também tem entrado na pauta dos principais expoentes ateus e mesmo no meio deles há diferentes formas de se entender e aceitar a espiritualidade como algo plausível de exercício.¹⁹⁰ Para outros é quase impossível fazer uma dicotomia entre religião e espiritualidade, sendo ela própria da religião e não coadunando com o ateísmo; mas então cabe a pergunta, é possível um tipo de espiritualidade não-religiosa? É possível falar e praticar espiritualidade mesmo sendo ateu?

No cenário neoateu existem dois personagens que mais se destacam na defesa aberta da possibilidade de haver a prática de espiritualidade mesmo desligado da crença no divino ou

¹⁸⁶ KIRKPATRICK, Lee. *Attachment, evolution and the psychology of religion*. New York: Guilford Press, 2005. p. 258.

¹⁸⁷ HARRIS, 2015, p. 28.

¹⁸⁸ HARRIS, 2015, p. 29.

¹⁸⁹ DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 100-119, 1983, p. 113.

¹⁹⁰ COSTA; PORTUGAL, 2010, p. 127.

em uma religião. Tanto para Sam Harris, quanto para André Comte-Sponville, ser ateu não é impedimento para que o ser humano viva uma espiritualidade plena, aliás na visão de Comte-Sponville, a espiritualidade é uma necessidade.¹⁹¹ Mas, como seria essa espiritualidade atea?

Pontua-se que além de Harris e Comte-Sponville, diversos autores ateus ou não também têm marcado seus pensamentos afirmando da necessidade de espiritualidade pelo ser humano. Botton declara que as religiões não são verdadeiras e que Deus não existe, mas que os ateus não deveriam descartar as religiões com base nisso, tanto os rituais, quanto o modo de pensar e estilo de vida promovidos pelas religiões ainda podem ser um grande auxílio para os ateus. A busca por reflexão pelos zen-budistas, na visão de Botton deveria ser um exemplo de reflexão de autoajuda na busca de sentido para suas vidas.¹⁹²

Já Viktor Frankl, neuropsiquiatra e fundador da Análise Existencial, arrazoava que manifestações de espiritualidade são expressões da própria natureza humana, como camaradagem, apoio ao próximo, manter uma boa cordialidade e que estão expressas abertamente na vida de qualquer ser humano sendo religioso ou não. O entendimento das expressões de espiritualidade são formas de o indivíduo se relacionar ou experimentar o sobrenatural, sendo que essas ações valorativas são manifestações da espiritualidade e, enquanto ações transcendentais, seu sentido está além do entendimento do homem, qualificado como acima dos sentidos.¹⁹³

Porém, é Harris que em uma entrevista concedida a revista *Veja*, logo após a publicação de seu livro *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*, que determina que todo ser humano necessita de um alargamento da consciência, natural e simples, um tipo de conhecimento espiritual, mas não religioso. Remover a espiritualidade da soberania das religiões é o grande excerto que faltava aos fundamentos seculares, sendo razoável chegar à transcendência e alcançar a mais plena felicidade sem se avizinhar do âmago divino. Mais que isso, ele assinala e preconiza técnicas, como meditação, respiração e até o uso de drogas alucinógenas, que contribuem para o caminho até a espiritualidade dos ateus.¹⁹⁴

Ele continua dizendo que é improcedente esclarecer a transcendência pela ótica da religião apenas, é completamente plausível para ateus ter ensejos espirituais, em locais considerados “sagrados”, como: seu escritório, seu quarto, ou qualquer outro lugar que seja significativo para ele. A espiritualidade prossegue sendo a grande lacuna das doutrinas seculares, do humanismo, do racionalismo, do ateísmo e de todas as outras ações defensivas

¹⁹¹ HARRIS, 2015, p. 215.

¹⁹² BOTTON, 2011, p. 133.

¹⁹³ FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido de vida*. São Paulo: Quadrante, 2003. p. 141.

¹⁹⁴ LOIOLA, Rita. A espiritualidade sem Deus. *Revista Veja*, São Paulo, 2016. p. 82,

que o ser humano assume diante da existência da fé irracional. Pessoas dos dois lados se dividem conjecturando que aprendizados transcendentais não têm vez na ciência, a não ser em uma clínica psiquiátrica.¹⁹⁵

Harris segue explicando que há um meio termo entre fazer da espiritualidade uma prática religiosa e não ter nenhum tipo de espiritualidade; não há necessidade de mais informações científicas para afirmar que a transcendência é realizável. Está na habilidade mental de despertar do sonho de um ser único e indivisível e, assim, tornar melhor o ser humano e favorecer para o bem de outras pessoas.¹⁹⁶

No outro extremo encontram-se aqueles/as que rejeitam a ideia de haver qualquer plausibilidade entre ateísmo e espiritualidade. Neste contexto, o neoteu Dawkins, não imputa a possibilidade de camaradagem e altruísmo através de uma presumível espiritualidade, mas isto decorre do serviço da afetação do gene e que estes procedimentos são próprios do meio evolutivo originados pelo convívio sociável, onde chega a equiparar o ser humano a abelhas e formigas, animais que estabelecem estruturas comunitárias complexas em quesitos como trocas sociais, solidariedade e divisão de trabalho em sua coletividade, mas pelo bem comum.¹⁹⁷

A ideia do gene egoísta com a ênfase devidamente aplicada na palavra gene (isto é a unidade do egoísmo) não é o organismo egoísta, nem o grupo egoísta ou a espécie egoísta ou o ecossistema egoísta, mas o gene egoísta. É esse gene que, na forma de informação, ou sobrevive por muitas gerações, ou não sobrevive. Diferentemente do gene (e talvez do meme), o organismo, o grupo e a espécie não são o tipo de entidade para funcionar como unidade nesse sentido, porque não fazem cópias exatas de si mesmos, e não competem em um universo de unidades autorreplicantes. Isso é exatamente o que os genes fazem, e essa é a justificativa, essencialmente lógica, para destacar o gene como a unidade de egoísmo no sentido especial e darwiniano de egoísmo.¹⁹⁸

A essência especial e darwiniana de afetação necessita ser elucidada, já que esta é o referencial de Dawkins. Fundamentado em regras de continuidade e reprodução, inquietação basilar da teoria evolucionista, Dawkins sugere uma congruência amoral¹⁹⁹ para as pessoas, tal raciocínio não leva em consideração a intencionalidade do agente, mas sim o efeito da ação, ou seja, as declarações naturalistas e evolucionistas de moralidade seriam fundamentadas nas atitudes e não na parcialidade de quem age. Em suas mensagens, um ser

¹⁹⁵ LOIOLA, 2016, p. 82.

¹⁹⁶ HARRIS, 2015, p. 219.

¹⁹⁷ DAWKINS, 1989, p. 177.

¹⁹⁸ DAWKINS, 1989, p. 178.

¹⁹⁹ A palavra amoral no texto tem o sentido de algo sem moral, ou que não leva em consideração preceitos morais.

vivo como o macaco, é identificado como altruísta, se procede de forma a aumentar a satisfação de outra entidade semelhante à sua própria custa; a conduta exclusivista tem exatamente o resultado adverso e ninguém em sã consciência crê que um macaco atinja o desenvolvimento de qualquer conformação de espiritualidade agindo assim.²⁰⁰

Onfray acompanha pensamento idêntico de Dawkins, onde em sua ateologia não busca execrar os conceitos de bem e de mal, mas para o filósofo, há de serem acatadas essas percepções de acordo com o entendimento da razão, destituído de roupagens de espiritualidades ilusórias, apoiados em juízos sobre o além-mundo.²⁰¹ Onfray reputa que a resolução para uma moral racional estaria num endosso hedonista, através desse novo extrato social, apresentar-se-iam novos princípios, instituídos na cortesia e na felicidade do maior número possível de pessoas. Nesse alento imanentista, afirma, aconteceria a comprovação de toda intersubjetividade, por meio da liberdade de ação e de pensamento, desassociando-se das obrigações de uma ontologia da retribuição e do castigo, pressuposta nas religiões monoteístas.²⁰²

Quando o filósofo digno desse nome trabalha, o padre recua. Quando o clero domina, a inteligência regride. Essa lição vale para os vendedores de além-mundos pagãos, judeus, cristãos, por certo, mas também para todos aqueles que não avançam na clareza brutal do ateísmo.²⁰³

Como o assunto em questão gera dúvidas na prática da espiritualidade no ateísmo, sendo isso uma das fontes mais ferrenhas de debate no mundo neoateu, cabe a esta pesquisa trazer os dois nomes do neoateísmo fora do universo anglo-saxão e que compõe hoje a escola francesa de ateísmo, são eles que como ícones dessa nova geração ateia, têm polarizado este tema em seu meio. Os nomes propostos a saber são, Michel Onfray e André Comte-Sponville, onde cada um com sua visão distinta sobre o tema tem contribuído significativamente para a compreensão ou o acirramento da discussão sobre o objeto, espiritualidade no ateísmo.

3.2.1 *Michel Onfray, ascetismo hedonista*

A historiografia de Michel Onfray chama a atenção sobre as polêmicas que sempre permearam sua trajetória acadêmica e profissional. Ateu, anarquista, nascido no ano de 1959

²⁰⁰ DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 126.

²⁰¹ ONFRAY; SATHÉL, 2009, p. 57.

²⁰² ONFRAY, 2009, p. 20.

²⁰³ ONFRAY, 2009, p. 33.

na cidade francesa de Argentan, cursou filosofia na universidade de Sorbonne e doutorou-se na mesma instituição, ficou famoso como filósofo fora do meio acadêmico instituído, contra o qual se rebelou, por achar que havia em seu meio uma extrema má vontade contra o que ele próprio define como ateísmo estrito e dentro dela ser reconhecido como alguém que possui uma forma bastante ácida de se expressar e lançar seus venenos críticos através de duras palavras, além de não concordar com a maneira como a filosofia é ensinada na academia e propondo um método livre de pensamento, de conjecturar suas próprias afirmações sobre leituras de obras filosóficas e capacitar seus alunos e alunas a pensarem o mundo através da filosofia.

Em outubro de 2002 fundou sua própria universidade, chamada de Universidade Popular na cidade de Caen, posteriormente fundou uma nova universidade, agora em sua cidade natal. No ano de 2004, produziu seu manifesto intitulado: A comunidade filosófica e seu tratado; que ele chama de Ateologia, trabalho este que traz um enxerto de um projeto de “filosofia libertária”, incluindo a defesa do hedonismo na ética, do materialismo na ontologia e do anarquismo na filosofia política.²⁰⁴ Em uma declaração apresentada a revista Carta Capital, Onfray apresenta este descontentamento:

Não desejava passar a minha vida numa instituição desse tipo, respondi negativamente à minha diretora de tese, que me propôs um posto universitário. Prefiro ser professor de liceu, onde é possível guardar a liberdade de filósofo para escrever. A universidade não produz filósofos, mas professores – o que, convenhamos, não é a mesma coisa.²⁰⁵

Seu referencial teórico estrutura-se no pensamento de dois filósofos a saber, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, sendo que praticamente tudo que produziu dialoga com esses dois pensadores. Apesar de ser bem eclético em suas publicações, chegando a tratar de assuntos diversos que vão da política à gastronomia, é na filosofia que Onfray têm a sua veia polêmica mais destacada; seus escritos abordam com profundidade a razão como único meio de entendimento para o inexplicável e a aceitação de um tipo de hedonismo asceta,²⁰⁶ aliás este último pela ótica de Onfray, determina novos parâmetros na visão ontológica e fenomenológica do neoteu, mesmo que aparentemente seja claro que haja um antagonismo entre hedonismo e ascetismo e partilhem de um sentido inverso, segundo Onfray eles podem andar em uma mesma direção.²⁰⁷

²⁰⁴ OLIVEIRA, Rayane Monaliza de. *O corpo em Michel Onfray*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. p. 25.

²⁰⁵ OLIVEIRA, 2015, p. 28.

²⁰⁶ COSTA; PORTUGAL, 2010, p. 141.

²⁰⁷ COSTA; PORTUGAL, 2010, p. 142.

O conceito de ascetismo dá a ideia de algo que defende a abstenção de prazeres, seja eles psicológicos ou físicos, para seus praticantes, a matéria ou o corpo físico é a fonte de todos os males e não tendo nenhum proveito quando se trata de assuntos de âmbito espiritual. A forma que um asceta religioso vê em alcançar um clímax ou alto nível espiritual é através da renúncia de tudo aquilo que seja físico e pertencente ao mundo terreno, porém não é só na religião que o ascetismo é empregado. Max Weber em sua obra já destacava a possibilidade de um tipo de ascetismo oposto ao ascetismo religioso e que é chamado por ele de intramundano ou laico.²⁰⁸

Weber declara que esse tipo de ascetismo, o intramundano, surgiu quando do início da Reforma Protestante que se contrapunha à ascese da igreja católica que afirmava ter o domínio institucional da relação entre os seres humanos e Deus, e sendo somente através dela que suas criaturas poderiam buscar a perfeição e aceitação do transcendente. Sendo assim, Lutero contrapôs e afiançava que qualquer um seria capaz de alcançar o favor divino sem a necessidade da prática de indulgências, martírios e sacrifícios humanos determinados pelo catolicismo, mas vivendo e cumprindo suas atividades seculares de forma racional, digna e honrada.²⁰⁹

É sabido que do lado dos luteranos sempre foi feita a acusação de ‘santificação pelas obras’ a essa linha de pensamento que com crescente nitidez se foi elaborando nas igrejas e seitas reformadas. E com carradas de razão – por justificado que fosse o protesto dos acusados contra o fato de sua posição dogmática estar sendo assimilada à doutrina católica – quando se pensa nas consequências práticas dessa concepção para o cotidiano do cristão médio da Igreja reformada. O catolicismo carregou a ascese cristã em suas formas mais avançadas através da Idade Média [e em vários exemplos já na Antiguidade] um caráter irracional.²¹⁰

Apesar de se iniciar com Lutero esta forma de se enxergar o ascetismo, a posteriori outras ramificações protestantes como os calvinistas, pietistas, metodistas e batistas começaram a agregar ao seu estilo de vida este tipo de ascese laico que determinava que a dedicação ao trabalho era suficiente para fazer com que seus fiéis não dessem atenção aos prazeres do mundo e ao acúmulo de bens materiais que a riqueza poderia trazer.²¹¹

Onfray destaca este tipo de ascetismo e o coloca como aceitável, aperfeiçoando evidentemente a visão luterana para a ótica atea por uma forma mais apropriada de ascetismo laico ou intramundo. De acordo com ele, o ateu poderia buscar sua realização em tudo aquilo

²⁰⁸ WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 91.

²⁰⁹ WEBER, 2009, p. 108.

²¹⁰ WEBER, 2009, p. 120.

²¹¹ ONFRAY, Michel. *A potência de existir: manifesto hedonista*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2010. p. 17.

que lhe desse significado e lhe ajudasse a alcançar o sentido da vida, mas que ao mesmo tempo pudesse e devesse ser prazeroso.²¹² Onfray repudia veementemente a ideia de haver qualquer possibilidade de espiritualidade no ateísmo, mesmo que seja apenas o uso do vernáculo sem o sentido e sem a conotação religiosa e para esta sua proposta ele dá o nome de ascetismo hedonista.²¹³

Para entender profundamente o pensamento de Michel Onfray sobre o ascetismo hedonista, faz-se necessário conhecer um pouco de sua vida e mais destacadamente sua infância, muitas de suas obras expressam suas experiências passadas por uma vida sofrida, começando pela perda precoce de seu irmão mais velho, que faleceu quando ele tinha apenas dez anos de idade; a rejeição constante que sofria de sua mãe e que a fez leva-lo para um colégio de padres salesianos, onde viveu boa parte da sua juventude. Em sua página oficial na internet, Onfray relata os inúmeros abusos presenciados por ele quando era aluno deste internato para meninos na França, onde padres cometiam crimes seguidos de pedofilia aproveitando-se da ingenuidade e carência afetiva dos menores longe de seus pais, talvez vindo daí seu asco por qualquer forma de religião.²¹⁴

No colégio, Onfray encontrou uma preocupação acentuada por parte dos padres, mesmo os pedófilos, pela espiritualidade, isto era quase uma cartase. O cuidado do corpo era deixado de lado, não se priorizava e estimulava a higiene pessoal e a limpeza do ambiente, banhos só eram permitidos uma vez por semana, sendo esta uma situação tão caótica que mesmo as crianças se incomodavam com toda aquela sujeira. Onfray chega a dizer:

No orfanato, aprecia-se o corpo sujo e emporcalhado, mortificado, alquebrado cansado, esgotado. Os padres não se destacam pela limpeza. [...] chuveiro só uma vez por semana [...]. Nem pensar em prazer, na satisfação de limpar o corpo, o importante era a limpeza da alma. Não há ocasião para experimentar a alegria de ficar um pouco sós, sob a névoa quente, longe do mundo totalmente entregue a si sob essa chuva purificadora pessoal. O prazer da limpeza? Um pecado.²¹⁵

Outro ponto destacável em sua passagem por esta instituição, foi a percepção do prazer como algo essencialmente mau e deplorável ali. O prazer era reprimido em todos os níveis, “era terminantemente proibido viver este sentimento e até mesmo em elementos simples do cotidiano humano como o comer e a alimentação, havia opressão”.²¹⁶ Os alunos eram orientados a comer somente o suficiente para a subsistência, comer mais do que o

²¹² ONFRAY; SATHÉL, 2009, p. 72.

²¹³ ONFRAY; SATHÉL, 2009, p. 80.

²¹⁴ MICHEL ONFRAY BIOGRAPHIE. Disponível em: <<https://michelonfray.com/fr/biographie/-non-michel-onfray-ne-soutient-pas-francois-ass?autoplay=true&mode=>>. Acesso em: 17 set. 2019.

²¹⁵ ONFRAY, 2010, p. 23.

²¹⁶ ONFRAY, Michel. *A razão gulosa: a filosofia do gosto*. São Paulo: Rocco, 1999. p. 78.

necessário para suprir as necessidades físicas era considerado como pecado mortal. Além desta orientação, outra atormentava os alunos, pois não era permitido nenhum palavrório no refeitório, pois no entendimento dos padres, um refeitório não era ambiente para alegrias e regozijos.²¹⁷ Todos estes fatores de repressão na infância contribuíram para que Onfray tivesse uma atratividade pelo estudo do prazer, levando-o mais tarde ao aprofundamento da causa hedonista e sua experimentação pelos cinco sentidos.²¹⁸

Pela perspectiva de Onfray, o dualismo é apresentado em diversas oportunidades como sendo contrário a dicotomia do corpo e da alma de Platão, o filósofo grego destacava que o corpo era separado da alma e não havia compatibilidade entre eles. Por este ângulo a matéria (o corpo) seria um entrave para o desenvolvimento do pensamento, já que ele seria um repositório dos prazeres e paixões, portanto, algo inútil, sem valor e que impediria o acesso ao verdadeiro discernimento.²¹⁹ Para Onfray prazeres e paixões são sentimentos necessários, o corpo não é necessariamente mal e cabe ao ser humano saber utilizá-lo para seu próprio benefício, contudo entende que todo prazer é válido desde que não acarrete no desprazer de outra pessoa.²²⁰

A influência de Nietzsche é evidente não só no fato da maioria de suas obras iniciarem com citações desse filósofo alemão, mas por ser um dos seus principais referenciais teóricos quando o assunto é felicidade e prazer. Onfray assim como Nietzsche, apresenta uma versão afiada contra a religião e seu modo negativo de enxergar a satisfação humana como algo ruim, não cabendo a possibilidade de alguém vir a trocar os prazeres mundanos pela tormenta da culpa que a religião impõe. Este pensamento de Nietzsche ficou exemplificado na análise que ele traçou da escolha do maestro alemão Richard Wagner, que em algum ponto de sua carreira abandonou as composições seculares e se dedicou exclusivamente às sacras. Nietzsche acreditava que Wagner havia por interesse e circunstâncias profissionais priorizado sua carreira em detrimento à sua realização pessoal devido a sua escolha em compor a partir de uma fase de sua vida músicas religiosas, e afirmou:

Uma maldição lançada, de um só ódio e de um só sopro, contra os sentidos e o espírito? Uma apostasia e um retorno aos ideais cristãos enfermiços e obscurantistas? Finalmente, uma negação de si mesmo, uma flecha desferida contra si próprio por um artista que até então, com todo o poder de sua vontade, se havia

²¹⁷ ONFRAY, 1999, p. 79.

²¹⁸ ONFRAY, Michel. *O ventre dos filósofos: crítica da razão dietética*. São Paulo: Rocco, 1990. p. 122.

²¹⁹ MATA, José da. *Prazer e rebeldia: o materialismo hedonista de Maichel Onfray*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007. p. 181.

²²⁰ ONFRAY, 2010, p. 50.

posto ao abrigo do inverso, isto é, da suprema espiritualização e sensualização de sua arte?²²¹

Onfray, como Nietzsche, defende que o verdadeiro hedonista, independente de sua área de atuação deve dar valor ao ser em detrimento do ter, não carregando nenhuma culpa no hedonismo e combatendo vigorosamente o ascetismo religioso, invocando assim a liberdade e o direito de cada um em exercer seu “livre-arbítrio” com responsabilidade. Destarte, vale ressaltar que a semelhança de Nietzsche, a forma de se ver a liberdade é algo bem diferente do livre-arbítrio na visão religiosa, tendo somente ao ateu a possibilidade de vivenciar uma liberdade verdadeira e plena, de utilizar sua autonomia na tomada de decisões e o que é melhor, sem o freio da culpa e o medo da danação eterna.²²²

No caso do seu compatriota, o filósofo Michel Foucault, outro referencial teórico de Onfray, há muitas semelhanças no tocante ao hedonismo. Foucault também procurava em Nietzsche base para sustentar sua negação de Deus, sendo impossível segundo ele o contato com o ser humano, pois não se pode falar com alguém que esteja morto. A racionalidade humana deve ser exaltada e a única capaz de explicar o inexplicável e de dar sentido à vida, não havendo a necessidade de religião para isso.²²³

Foucault afirmava que com a morte de Deus, o ser humano espiritual poderia deixar de existir, pois mantinha com ele um estranho parentesco, passando a partir desta descoberta a tentar se encontrar como um ser libertado das amarras da ignorância. Longe de passar a morte como algo negativo, Foucault estabelece que é o reconhecimento da finitude que acaba por abrir as possibilidades para o desabrochar,²²⁴ percebe-se neste pensamento grande aproximação com a ideia libertária de Onfray e sua pressuposição positiva sobre a morte.²²⁵

A negação de Deus como um ser existente, como um regulador natural das vontades do ser humano e um filtro das más atitudes é descartada por Foucault, sendo incapaz de reprimir as ações hedonistas. Em contrapartida, o reconhecimento da finitude do homem é abordado como uma das estratégias para a valorização do prazer, pois reconhecido que nada resta ao ser humano do que simplesmente negar o infinito, cabe aproveitar cada momento de sua finita vida e desfrutá-la.²²⁶

²²¹ NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Lafonte, 2017. p. 92.

²²² NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: ensaio de crítica do cristianismo*. São Paulo: Lafonte, 2017. p. 109.

²²³ FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. p. 44.

²²⁴ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 206.

²²⁵ ONFRAY, 2009, p. 200.

²²⁶ FOUCAULT, 2016, p. 45.

Onfray reafirma em diversas ocasiões sua posição quanto à necessidade do combate aos religiosos cristãos e mulçumanos, caracterizados por ele como um ocidente judeu-cristão liberal de um lado e um mundo mulçumano impiedoso do outro. Cada vez mais afirma, o ser humano necessita fugir das ciladas apresentadas para atrair pessoas a essas religiões e citando Foucault em seu comentário sobre a revolução dos aiatolás no Irã, comenta que em alguns momentos da história se deva até torcer para o menor dos riscos:

Entrando em outros tempos no maniqueísmo e aceitando ser pego na armadilha, Michel Foucault saudou a perspectiva de uma política espiritual da revolução iraniana porque ela oferecia uma alternativa ao que ele chamava ‘sistemas planetários’ – em 1978 ainda não se falava em mundialização. Em contrapartida, já nesse tempo, Foucault observa que a questão do islã político é essencial para a época, mas também para os anos futuros.²²⁷

Mais vale na visão de Onfray, experimentar a sensação de liberdade e que somente os ateus podem desfrutar através de um ascetismo hedonista, com a busca pelo prazer sem a dor de um remorso ou culpa. Em sua teoria de liberdade, o ideal ascético é aquele que está bem longe das propostas religiosas de negar a vivência do prazer e a rejeição do corpo como algo essencialmente mau.²²⁸ A ideia de além-mundo encontrada no judaísmo, cristianismo e islã remete seus seguidores a rejeitarem o mundo real que é repleto de sensações e prazeres, apesar destas religiões declararem que suas visões e interpretações sobre origem, vida, morte e pós-morte são distintas uma das outras. Para Onfray elas partilham as mesmas mensagens quando o assunto é: desprezo da razão e da lógica, desprezo à liberdade em todas as suas formas, desprezo ao sexo e ao prazer, desprezo ao feminino, desprezo ao corpo e desprezo aos desejos e impulsos humanos.²²⁹

O grande embate que Onfray trava atualmente é com o chamado “ateísmo cristão”²³⁰ de André Comte-Sponville, pois enquanto Comte-Sponville defende a ética cristã como importante e necessária para o bem-estar de homens e mulheres na sociedade, Onfray afirma que um ateu não necessita dela e de seus valores para se tornar um ser humano melhor. Seu discurso tem muitas semelhanças com Nietzsche e com Foucault, onde a ética na perspectiva cristã é constantemente debatida como algo impossível de realmente existir se Deus não

²²⁷ ONFRAY, 2009, p. 184.

²²⁸ ONFRAY; SATHÉL, 2009, p. 80.

²²⁹ ONFRAY; SATHÉL, 2009, p. 86.

²³⁰ Ateísmo cristão foi um termo cunhado pelo próprio Onfray para designar uma forma de ateísmo que defende princípios racionalistas e materialistas, mas que vê possibilidade em comungar da ética cristã ao mesmo tempo.

existe. A conclusão é simples e nítida para Onfray: “se o ser humano é livre, então é capaz de desfrutar de liberdade para fazer as suas próprias escolhas”.²³¹

3.2.2 *André Comte-Sponville e a espiritualidade ateia*

A trajetória de André Comte-Sponville quando comparada com seu compatriota Onfray, se assemelha com o conceito de duas retas paralelas na geometria, que por mais próximas possam estar, é certo que nunca se cruzarão. Comte-Sponville nasceu em Paris, no ano de 1952, formou-se em Filosofia e posteriormente doutorou-se na conceituadíssima Escola Normal Superior de Paris, em Sorbonne no ano de 1983, atuou como professor titular até o ano de 1998, quando solicitou demissão para se dedicar integralmente à produção literária e na apresentação de palestras sobre filosofia, dentro e fora do círculo acadêmico.²³²

Seu posicionamento em relação à religião o coloca em oposição direta aos principais nomes neoateus, incluindo nesta lista Michel Onfray, que pejorativamente o classifica como um “ateu cristão”.²³³ Porém, sua autodefinição é a de um ateu não dogmático praticante, ou seja, ele se considera como sendo aquele que não acredita em Deus, mas que também por honestidade intelectual necessita afirmar que sobre sua existência nada sabe a respeito. Para ele, se alguém afirma categoricamente como ateu que Deus não existe, essa pessoa não é consideravelmente uma ateia, somente uma tola descrente, contudo se um crente declara afirmativamente a existência de Deus, ele é um tolo que possui fé e de forma idiota toma a sua fé como certeza de algo que ele não pode provar sua existência; resumindo para Comte-Sponville nenhuma pessoa sabe se Deus existe ou não.²³⁴

No fundo para Comte-Sponville, o que mais o incomoda não são aqueles/as que têm fé, mas aqueles/as que usam a sua fé como fonte de saber. Um ateu não dogmático para ele seria o que não usa o ateísmo como crença para afirmar a não existência do transcendente, pois em sua ótica isto não está provado nem que sim e nem que não.²³⁵

Apesar de ateu, Comte-Sponville defende o conceito de que todo indivíduo para ter um sentido de vida e uma razão de existência deveria acreditar em valores que o moveriam para frente, repudiando efusivamente o niilismo de Nietzsche como estilo de viver mais

²³¹ ONFRAY, 1999, p. 107.

²³² COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 24.

²³³ ONFRAY, 2009, p. 166.

²³⁴ COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 111.

²³⁵ ARTÍCULO SU COMTE-SPONVILLE ANDRE. Disponível em: <<https://www.lastampa.it/torinosette/2018/11/14/news/filosofo-comte-sponville-essere-consapevoli-di-noi-stessi-1.37521991>>. Acesso em: 14 set. 2019.

aceitável ao ateísmo e o considerando como o maior perigo da humanidade. A promoção destes valores que envolve aspectos morais, culturais e também espirituais, sendo que este último segundo Comte-Sponville, é nascido das principais religiões abraâmicas e que tem balizado a sociedade ocidental através da tradição judaico-cristã²³⁶, portanto ele afirma ser impossível ignorar sua importância na formação de todo ser humano e inviável seu descarte.²³⁷ A pecha colocada por Onfray de ser um “ateu cristão” nunca lhe ofendeu, pelo contrário, ele se vê como tal, destarte a forma como essa marca é entendida é que faz diferenciação do “amigo” Onfray. Para Comte-Sponville ser um “ateu cristão” não é aceitar o cristianismo como religião, mas como tradição cultural e tendo com que contribuir ao ser humano como tal.²³⁸

Diferente do que se possa imaginar, em virtude de tais declarações e por não aderir ao que comumente a maioria dos defensores neoateus chamam de “cruzada antirreligiosa”,²³⁹ encontram-se em suas obras ataques contra a religião, mas não da forma contundente e até mesmo agressiva como vista nas principais publicações neoateias. Como exemplo desse ataque mais contundente do ateísmo moderno, Dawkins chega a afirmar que é contra a religião abertamente, porque ela nos ensina a contentarmos com a nossa incompreensão do mundo e reconhece que diante de tudo que compreende das religiões, elas o levariam sempre para bem distante de qualquer prática religiosa, transformando-o sempre em um “ateu protestante” e compara então a religião como o grande mal do mundo.²⁴⁰

Já as críticas de Comte-Sponville direcionadas à religião são mais sutis e mescladas com palavras mais suavizadas, que nunca descartam integralmente seu papel na sociedade:

A hipótese, muitas vezes apresentada como uma evidência, desemboca em certa concepção do fato religioso: a religião, dizem então, é o que liga. Isso não prova que o único liame social possível seja a crença em Deus. [...], o fato é que nenhuma sociedade pode viver sem liame, ou sem uma liga. Por conseguinte, se todo liame é tido como religioso, como sugere a etimologia, nenhuma sociedade pode viver sem religião.²⁴¹

Em sua percepção, nenhuma sociedade organizada consegue viver sem algo que a una e a ligue. A palavra religião sempre foi interpretada etimologicamente, vários autores desde Lactâncio e Tertuliano, compreendiam que ela provinha do verbo latino *religare*, que

²³⁶ Conjunto de crenças em comum entre o judaísmo e o cristianismo, formando em grande medida os alicerces dos valores éticos ocidentais e refletindo diretamente na ordenação jurídica da sociedade atual.

²³⁷ COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 190.

²³⁸ COSTA; PORTUGAL, 2010, p. 134.

²³⁹ SANTOS, André Costa. A sabedoria do desespero ou como construir a felicidade segundo André Comte-Sponville. *Lampejo*, São Paulo, v. 17, n. 8, p. 60–70, 2015, p. 68.

²⁴⁰ DAWKINS, 2006, p. 287.

²⁴¹ COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 22.

significa “amarrar, ligar bem”. Portanto, sempre se entendeu que era exatamente a religião que exercia esta ligação na sociedade, principalmente nas religiões monoteístas, onde as pessoas são ligadas horizontalmente, preocupadas em viverem juntas numa mesma sociedade e partilhando os mesmos valores. Para ele, a religião é má no sentido de levar o ser humano a se ligar verticalmente naquilo que não se pode provar como algo real, mas ao mesmo tempo age positivamente quando trás este liame em unir estas mesmas pessoas através de valores e virtudes. Do seu ponto de vista, o que liga os crentes entre si, não é a existência de Deus, mas o fato de comungarem a mesma fé como o verdadeiro conteúdo da religião, sua principal função é favorecer a coesão social fortalecendo a comunhão das consciências e a adesão às regras de grupo.²⁴² Defendendo este pensamento Comte-Sponville apregoa:

Porque é a comunhão que faz a comunidade, muito mais que o contrário: não é porque existe comunidade já constituída que há comunhão; é antes porque há comunhão que há comunidade, e não um simples conglomerado de indivíduos justapostos ou concorrentes. Um povo é mais e melhor que uma horda. Uma sociedade, mais e melhor que uma multidão.²⁴³

Comte-Sponville sustenta a religião como imprescindível na manutenção da ordem dos valores e princípios, pois ela defende a dignidade humana. Contudo vai além e vê possibilidade do ser humano viver um certo grau de espiritualidade, buscando inspiração no que ele chama de espiritualidade atea. Nomes cristãos e não-cristão como: Lao-Tsé, Pascal, Montaigne, Espinosa, Santo Agostinho e Jesus, são fontes inesgotáveis de virtudes e inspiração na busca pelo entendimento desta espiritualidade. Este último, aliás, é considerado por Comte-Sponville como alguém digno de aplaudir, justamente por seus ensinamentos sobre compaixão, perdão, amor ao próximo, justiça e coragem, mas acrescenta, que sua afinidade com o cristianismo é interrompida pela narrativa fantasiosa dos milagres relatados nos evangelhos e a história do Calvário, e com tudo que se deu na sequência.²⁴⁴

Sua proposta de espiritualidade no ateísmo parte do princípio da necessidade de que todas as pessoas além de terem um sentido de vida enquanto vivas, também precisam se preparar para encontrarem um sentido para a morte. Basicamente todas as religiões buscam respostas para a morte e tentam dar equilíbrio ao transtorno existencial causado por ela, para Comte-Sponville o ateísmo falha nesse item.²⁴⁵ A crença no além-mundo e uma recompensa eterna dão segurança à comunidade e a defende do caos social que a morte estabelece. Ele

²⁴² COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 36.

²⁴³ COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 37.

²⁴⁴ COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 169.

²⁴⁵ COMTE-SPONVILLE, André. *O pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 44.

alerta que Epicuro já comentava que a morte não era algo a se temer, haja vista, que não há o que sofrer diante de um corpo que já não tem consciência da dor por causa da morte e então não há o que sentir, dando a entender que o ser humano pode vencer o medo da morte pela razão e não pela religião.²⁴⁶ Diferente de Onfray que vê as religiões monoteístas como grande ameaça à civilização, por incutirem medo na questão da morte²⁴⁷, Comte-Sponville enxerga como um exemplo a seguir, pela maneira como encaram o tema e que se deveria apenas descartar a metafísica da religião e enfrentar com esperança, como elas fazem do assunto e utilizar-se do racionalismo.²⁴⁸

Nesta busca por virtudes na espiritualidade ateia, a coragem é apresentada por ele como de enorme importância no aspecto da morte e para os demais desafios da vida. Comte-Sponville pontua que o ser humano necessita de coragem para viver e para morrer, para enfrentar e aguentar, para persistir e perseverar, para lutar e renunciar. A coragem é para ele uma virtude ética e moral, sendo uma condição para se alcançar todas as outras virtudes.²⁴⁹

Onfray por outro lado radicaliza ao ponto de categorizar todas as religiões como dispensáveis, mas na visão de Comte-Sponville não se pode jogar fora 4.000 anos de influência judaico-cristã em uma sociedade que vive até hoje bons valores edificados por ela e que em hipótese alguma deveriam ser descartados. Sua tese de que o ateísmo pode ter uma linha de espiritualidade, baseia-se nas religiões orientais, tais como: budismo, taoísmo e confucionismo, que não admitem a existência de um Deus transcendente, mas mesmo assim contribuíram para a ordem, o equilíbrio e a direção de imensas sociedades organizadas sem adotar estímulos metafísicos. Os valores que envolvem comunhão, disciplina e respeito são, podem e devem ser desenvolvidas sem o estímulo na fé em uma divindade.²⁵⁰

Comte-Sponville declara que espírito não é um direito exclusivo da religião, no ateísmo, espírito é a capacidade humana de pensar, agir, querer, sentir, amar. Sendo a espiritualidade uma experiência de sentimentos que o ser humano experimenta em vida e não algo extracorpóreo na visão da maioria das religiões. Por isso que o filósofo declara a possibilidade de espiritualidade sem Deus.²⁵¹

Por defender uma posição materialista naturalista, Comte-Sponville compreende que o espírito é resultado do ser humano com a natureza e seu ambiente, sendo inclusive parte dela e ao longo de sua vida vai reformulando e aprimorando sua espiritualidade em contato

²⁴⁶ COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 58.

²⁴⁷ ONFRAY, 2009, p. 100.

²⁴⁸ COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 59.

²⁴⁹ COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 62.

²⁵⁰ COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 224.

²⁵¹ COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 189.

constante entre a natureza externa e sua natureza interna. Acredita que não há necessidade de renunciar a espiritualidade para se negar a crer na existência de seres transcendentais.²⁵²

3.3 Efeitos do neoateísmo sobre as religiões monoteístas

O neoateísmo tem marcado sua presença no mundo religioso atingindo diretamente as religiões monoteístas, principalmente aquelas que não abrem mão de uma estrutura rígida alicerçada em princípios moralizantes extraídos de seus livros sagrados e dogmas estabelecidos há muitos séculos. As mensagens por parte dos divulgadores neoateus são direcionadas por ataques violentos contra a fé e reduzindo-a a uma mera retórica mítica, sua estratégia fundamenta-se na valorização do conhecimento pela razão e parte do princípio que tudo que foge dessa esfera deve ser rejeitado.

Nos últimos anos os neoateus encontraram um campo fértil para alavancar seu ataque, pois dois fatores socioculturais têm contribuído significativamente e aplainado o caminho para seu sucesso: desde 1970 os jovens estão sendo inseridos sistematicamente em uma sociedade de consumo materialista secularizada, em que valores religiosos começam a desaparecer; outro ponto está na rejeição que vem aumentando às religiões como instituições formais. Várias pesquisas sociais realizadas neste período destacam o importante papel que os meios de comunicação de massa tiveram na desconstrução de valores e referências, valorizando modelos completamente laicizados e que acabaram por contribuir para a renegação dos valores religiosos.²⁵³

A situação acima contribui não só na formação a cada ano de indivíduos que negam a existência de Deus e que serão progenitores de gerações futuras que crescerão sem viés religioso, mas também atingi diretamente os filhos de judeus, cristãos e mulçumanos que já crescem em um lar religioso alimentando a dúvida na existência de um transcendente. A Pew Research Center todos os anos realiza uma pesquisa anônima entre jovens cristãos praticantes nos Estados Unidos e constata que a cada ano cresce o número daqueles que assinalam “não” para a seguinte pergunta: você acredita em Deus? Em 2016, 58% assinalaram não a esta pergunta, contra 42% em 2014, quando a primeira pesquisa foi realizada. Este instituto

²⁵² COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 211.

²⁵³ MINOIS, 2014, p. 714.

sublinha que mesmo não tendo números do islã, acredita que sua realidade não é tão díspar do cristianismo.²⁵⁴

Faustino apresenta no prefácio da obra de Hervieu-Léger, um cenário do panorama religioso brasileiro não muito diferente do já abordado, onde uma recomposição de um imaginário a partir do século XX marcado pela crise das religiões institucionalizadas, aliado a um desinteresse pela formalidade caracterizada pelas religiões tradicionais, tem produzido indivíduos desinteressados pela religião ou “crentes passeadores” e sem compromisso com uma filiação religiosa, sendo este o ambiente por onde tem perpassado o neoateísmo e encontrado chances de disseminação de uma mensagem que semeia dúvidas quanto a credibilidade daquilo que as religiões ensinam e pessoas cada vez mais ávidas por ouvir mensagens que fortaleçam a descrença no sobrenatural.²⁵⁵

Mais um problema porque passam as religiões monoteístas frente ao enfrentamento contra o novo ateísmo está em lidar com a retórica neoateia de que todas elas são religiões fundamentalistas. A ideia acusatória de fundamentalista se divide em duas frentes: uma direcionada contra a tradição judaico-cristã, estabelecida no ocidente e que norteia todos os valores e princípios que formam a sociedade atual; outra contra o islã, utilizando-se dos atos violentos e bárbaros do extremismo islâmico.²⁵⁶

Os fundadores do pensamento ocidental moderno desde o Iluminismo, tentaram libertar a ciência e a filosofia da irracionalidade proposta pela religião por meio de uma fé cega, através da eliminação de sua influência na vida pública e objetivando chegar ao cidadão reorientando sua conduta de vida. Isso fez com que gradativamente a tradição judaico-cristã, começasse a ser questionada como padrão para basilar as relações éticas da sociedade contemporânea, fabricando uma nova concepção do que deveria ser racional e moral. O objetivo principal esteve sempre no desejo de reduzir ao máximo a influência da religião, fazendo com que pensadores modernos abandonassem a filosofia tradicional e recorressem ao método científico para definir as ações humanas.²⁵⁷

Uma das consequências deste fato acima apresentado, é que aos poucos os padrões morais estabelecidos por esta tradição judaico-cristã começaram a ser derretidos por questionamentos e outras propostas de entendimento do que é ou não moral. Assuntos que a

²⁵⁴ Pew Research Center. Disponível em: <<https://www.pewforum.org/2019/10/17/in-u-s-decline-of-christianity-continues-at-rapid-pace/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

²⁵⁵ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 8.

²⁵⁶ FESER, 2017, p. 238.

²⁵⁷ KOSLOWSKI, Adilson; SANTOS, Valmor. Revisão do conceito de “ateísmo” na literatura contemporânea. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 59-68, 2016, p. 63.

sociedade via no passado como estigmas morais inamovíveis, hoje são encarados gradualmente com naturalidade e cada vez mais aceitos no ocidente, pontua-se aqui: o homossexualismo, o aborto, a legalização e o uso social das drogas ilícitas, a prostituição, entre tantos outros. As religiões monoteístas recebem ataques constantes dos neoateus, demonstrando o quanto são intransigentes quando não abrem mão de seus dogmas e tradições, para o avanço natural da sociedade na aceitação de assuntos que no passado eram tidos como tabus. Isto tem desestabilizado as religiões monoteístas, fazendo com que externa e internamente surjam grupos contrários e a favor de uma revisão de seus conceitos sobre assuntos controversos, promovendo assim uma divisão em seu meio.²⁵⁸

A marca do fundamentalismo religioso também é utilizada pelo neoateísmo e direcionada ao islã de forma mais específica. Como já apresentado mais detalhadamente no primeiro capítulo desta pesquisa, após o 11 de setembro de 2001, os ateus se organizaram e aproveitaram para intensificar suas ações contra qualquer forma religiosa, ponderando a necessidade de paz e alertando que qualquer religião é uma ameaça a proposta do livre pensamento. Esta estratégia está em considerar qualquer religião como um inimigo à sociedade, pois sua intransigência pode levar o mundo a uma nova cruzada ou intifada religiosa.²⁵⁹

Este capítulo apresentou os fundamentos da racionalidade humana iniciada no Iluminismo e promovida posteriormente pela Revolução Francesa, permitindo assim a separação da igreja e laicização do Estado, abrindo assim o caminho para o avanço do ateísmo como movimento e tornando a França como um importante centro formador de pensadores ateus. Seguiu-se com a escola francesa de ateísmo, composta por dois importantes nomes do pensamento francês na atualidade, que apesar de fazerem parte do novo ateísmo ou ateísmo moderno, parecem estar em lados opostos diante de assuntos controversos como: hedonismo ascese, ateísmo mesclado com ética cristã e espiritualidade ateia.

Viu-se que Michel Onfray é um pensador ateu agressivo, não abrindo nenhuma possibilidade para o diálogo com a religião e se parecendo mais neste pensamento com seus colegas anglo-saxões do neoateísmo. Ele defende que para haver algum sentido na vida, o ateu deve desfrutar dos prazeres que os cinco sentidos proporcionam e que devem ir até o limite da insatisfação do próximo.

Já André Comte-Sponville, assim como Sam Harris do lado inglês do ateísmo moderno, defende uma forma de espiritualidade ateia baseada na ética judaico-cristã. De

²⁵⁸ FREITAS, 2011, p. 116.

²⁵⁹ McGRATH, 2006, p. 54.

todos os expoentes neoateus, é o mais leniente quando o assunto é religião, chegando a considerar que a religião tem seu espaço e lugar na sociedade contemporânea.

Por último destacou-se os efeitos do neoateísmo nas religiões monoteístas, apresentando a massificação de suas mensagens e atingindo diretamente as novas gerações, onde surge um número cada vez maior de pessoas que questionam a existência do transcendente e a autoridade das religiões em determinar padrões e condutas, classificando-as como fundamentalistas.



CONCLUSÃO

Esta pesquisa apresentou as diferentes facetas do ateísmo e sua trajetória como vítima do preconceito ao longo da história, passível de forte perseguição, obscurantismo e rejeição. Tal perseguição sempre foi movida em grande parte pela ignorância das pessoas, principalmente as ditas religiosas e em uma época onde o simples fato de alguém não ter a mesma forma de crença de uma sociedade dominante, acabava por qualifica-la por esta mesma sociedade, como ateia. A partir do Iluminismo, quando o mundo começa a viver ares de desprendimento das amarras da igreja dominante e da ascensão de uma forma de pensamento que valorizava a razão e o cientificismo, questionando tudo que não coadunasse com a ciência e a razão, é que começam a se levantar homens e mulheres dispostos a declarar o que antes era proibitivo, a descrença na existência de Deus.

No fim do século XX e no presente século, uma nova face do ateísmo é apresentada ao mundo contemporâneo, não necessariamente uma nova mensagem, mas uma nova forma de atuação. Bem mais fluída, militante e tendo como principal característica a ideia de que as pessoas que não creem em Deus, não devem se envergonhar em se declarar como tais. Pensadores capitaneados por Richard Dawkins, se apresentam como os divulgadores do ateísmo moderno e comumente conhecido por neoateísmo, suas produções literárias, palestras e atuações são marcadas por uma agressividade latente contra toda forma de religião constituída hoje e mais declaradamente contra as três principais religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islã, classificadas pelos neoateus como fundamentalistas.

O novo ateísmo ou ateísmo moderno é representado atualmente por duas escolas de pensamento que têm se popularizado e somado esforços por atuações marcantes e posicionamentos contundentes na defesa de suas convicções; e no ataque as crenças infundadas pela religiosidade cega e intransigente à liberdade daqueles/as que pensam diferente. A escola inglesa e a escola francesa do neoateísmo, que diga-se de passagem, não se rivalizam, pelo contrário, elas se completam, fazendo com que todos os espaços sejam preenchidos com a mensagem ateia em diversas áreas da sociedade contemporânea, quer seja na academia, na ciência, nas artes, na política e é claro, na religião.

Uma das características mais acentuadas na escola inglesa é a vertente neodarwiniana, onde sua epistemologia se baseia na teoria da evolução, tendo como seu principal precursor, o cientista e biólogo britânico, Charles Darwin. Aliás, Dawkins como biólogo também puxa a fila dos demais proeminentes neoateus, que são: Sam Harris, Christopher Hitchens e Daniel Dennett. Todos trabalham em completa harmonia, no combate

a ignorância pela crença nas fábulas religiosas e na ocupação de espaços midiáticos, que facilitam a proliferação de seus ataques direcionados à religião.

Do lado francês encontram-se dois importantes nomes que auxiliam no avanço do ateísmo, são eles: Michel Onfray e André Comte-Sponville, os dois sendo filósofos de formação têm contribuído na produção de ideias que fortalecem a defesa da descrença e no avanço da causa, principalmente a uma geração atual que cresce contra o preconceito, contra a irrazoabilidade, contra o mercantilismo da fé e contra os desatinos violentos propostos por religiões fundamentalistas, sendo tudo combustível para que mais pessoas se oponham abertamente a qualquer tipo de crença no transcendente, aceitando o ateísmo como algo viável e plausível de ser seguido.

Ao falar de espiritualidade, talvez seja este o único ponto controverso no meio neoateu. Pois, a pergunta é: Como ateus podem encontrar direcionamento para se tornarem bons cidadãos e pessoas capazes de achar sentido numa vida sem o pós-morte, já que as principais religiões trabalham com a ideia do medo da perdição e da recompensa em uma vida eterna? Dos nomes apresentados nesta pesquisa, dois se destacaram como defensores de uma forma de espiritualidade ateia, Harris e Comte-Sponville. Ambos defendem que o ser humano necessita viver uma espiritualidade baseada em virtudes e valores, para que a própria vida possa fazer sentido e corroborar para o bem de toda a sociedade e das novas gerações que virão.

Já Dawkins, seguido de Hitchens e Dennett, alude aos genes evolutivos e que todos animais, incluindo aqui seres humanos, partilham de um gene em comum que inconscientemente o faz trabalhar pela coletividade e a felicidade de uma sociedade. Já Onfray partilha do hedonismo ascético, onde o indivíduo tem liberdade para ser feliz através do prazer, sendo este sentimento algo necessariamente bom e que deve ser vivido sem o medo da culpa e do remorso, mas que em contrapartida é acompanhada da responsabilidade de não ser instrumento da infelicidade de terceiros. O que importa é a busca pelo sentido da vida, seja por aquilo que alguns chamam de espiritualidade ateia, seja através de bancos genéticos de ancestrais dentro de um processo evolutivo ou por meio do hedonismo praticado com responsabilidade, chamado de hedonismo asceta.

Em suma, conclui-se por este trabalho que o neoateísmo tem contribuído para o crescimento numérico de ateus declarados no cenário social e religioso, por simplificar uma mensagem antes muito filosófica e agora mais compreensível; por incutir em seus adeptos a ousadia e não a vergonha em se declarar ateus; por promover o questionamento e a relevância das religiões, principalmente as monoteístas; por estimular uma liberdade de consciência e

sem se prender as cadeias do tradicionalismo religioso. Encontra-se principalmente na geração “Y”, um grupo de pessoas mais propensas a sua mensagem e também por estarem mais conectadas aos veículos tecnológicos de comunicação utilizados em massa pelos principais propagadores do neoateísmo. Outro ponto a ressaltar na conclusão desta pesquisa, está na incongruência que o assunto espiritualidade tem no ateísmo, um tema que polariza e é amplamente discutido em seu meio, fazendo com que um grupo apoie a possibilidade da prática de um tipo de espiritualidade atea e outros que simplesmente rechaçam esta alternativa, mas que no fundo não traz impedimento para que o movimento cresça e ganhe mais simpatizantes.

Tratar destes conteúdos dentro do tema, neoateísmo, foi de grande valia para mim como líder religioso. Pude por esta dissertação, compreender os principais fatores que favorecem o crescimento do movimento neoateu e que impactos têm causado à sociedade e à religião; pude também responder a dúvidas pessoais decorrentes da falta de conhecimento sobre o ponto pesquisado. Abordar temas desta dimensão requereu um estudo minucioso pelas entranhas de um dos movimentos que mais cresce em adeptos, quando comparado com as religiões atuais. O Mestrado Profissional traz entre os seus objetivos o diálogo entre a ciência e a prática profissional, por isso posso afirmar que fui incentivado a me aprofundar ainda mais pela pesquisa em questão, a combater o preconceito contra o ateísmo alimentado em grande medida pela falta de conhecimento e a incentivar mais pessoas a estudarem o neoateísmo.

Finalizo, dizendo que o que realmente importa e o que se espera, é que o ser humano possa ter a liberdade de declarar a sua fé ou não naquilo que bem entender e quiser. Em um mundo cada vez mais envolto em diversidade e pluralismo, não cabe mais a intolerância em qualquer área da vida, incluindo a religião, vindo ela de crentes ou descrentes.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY FLEW, Entrevista Concedida a Biola University. Disponível em: <<https://apps.biola.edu/apologetics-store/products/item/craig-vs-flew-does-god-exist>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. A ordem moral moderna e a política do secularismo. *Ethic@*, Florianópolis, v. 10, n. 3, p. 38-50, 2011.
- ARTICULO SU COMTE-SPONVILLE ANDRE. Disponível em: <<https://www.lastampa.it/torinosette/2018/11/14/news/filosofo-comte-sponville-essere-consapevoli-di-noi-stessi-1.37521991>>. Acesso em: 14 set. 2019.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *O prazer da produção científica: passos práticos para a produção de trabalhos acadêmicos*. 13. ed. São Paulo: Hagnos, 2012.
- BAGGINI, Julian. *Ateísmo: uma breve introdução*. São Paulo: L&PM Editores, 2016.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho. Espiritualidades não-religiosas. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 26-48, 2014.
- BARNA GROUP. Disponível em: <<https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/#.WnehLRuNgx1>>. Acesso em: 08 abr. 2018.
- A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- BOTTON, Alain de. *Religião para ateus: um guia para não crentes sobre as utilizações da religião*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- BOTTON, Alain de. *As consolações da filosofia*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.
- BOURDON, Renato Leon. A estruturação do ateísmo na primeira década do século XXI parte 1. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 51, n. 1, p. 37-72, 2014.
- BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução na França*. 2. ed. São Paulo: Vide Editorial, 2017.
- CAVALIERI, Edebrando. Abordagem fenomenológica do religioso. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da. *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014.
- CELEBRITY'S BIOGRAPHY. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/christopher-hitchens--20845987#later-works-anddeath>>. Acesso em: 30 jan. 2019.
- CHAGAS, Arnaldo. *Produção de textos acadêmicos: dos bastidores à elaboração do texto*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2014.
- COGGIOLA, Osvaldo. Novamente, a Revolução Francesa. *Projeto História*, São Paulo, v. 23, n. 47, p. 280-295, 2013.

- COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COMTE-SPONVILLE, André. *A felicidade desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O espírito do ateísmo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2007.
- CORBI, Marià. Una espiritualidad no religiosa desde de la tradición cristiana. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 110-125, 2014.
- COSTA, Abraão Lincoln Ferreira; PORTUGAL, Agnaldo Cuoco. Neoateísmo: questões e desafios. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 127-144, 2010.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DAWKINS, Richard. *O relojoeiro cego: a teoria da evolução contra o desígnio divino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DAWKINS, Richard. *O capelão do Diabo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DAWKINS, Richard. *A escalada do monte improvável: uma defesa da teoria da evolução*. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DAWKINS, Richard. *The God delusion*. New York: Houghton Mifflin Company, 2006.
- DAWKINS, Richard. *Fome de saber: a formação de um cientista - memórias*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015.
- DENNETT, Daniel. *Darwin's dangerous idea: evolution and the meanings of life*. London: Simon & Schuster, 1996.
- DENNETT, Daniel. *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*. São Paulo: Globo, 2006.
- DENNETT, Daniel; PLATINGA, Alvin. *Science and religion: are they compatible?* New York: Oxford University Press, 2011.
- DROOGERS, André. Espiritualidade: o problema da definição. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 23, n. 2, p. 100-119, 1983.
- FERREIRA, Amauri Carlos. Viver sem Deus e sem religião: a vida possível no ateísmo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 47-61, 2010.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.
- FESER, Edward. *A última superstição: uma refutação do neoateísmo*. Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2017.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

FRANCO, Clarissa de. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2014.

FRANKL, Viktor. *Psicoterapia e sentido de vida*. São Paulo: Quadrante, 2003.

FREITAS, André de Sousa. *As máscaras do ateísmo: uma crítica à filosofia ateísta*. São Paulo: Ihsou, 2011.

FREIXES, Francesc Torradeflot. Espiritualidad laica y espiritualidad atea. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 12, n. 35, p. 716-745, 2014.

FUKUYAMA, Francisco. *O fim da História e o último homem*. Lisboa: Gradiva, 1992.

GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GILLILAN, Richard. Daniel Dennett. In: JOSHI, S. T. *Icons of unbelief: atheists, agnostics, and secularists*. London: Greenwood Press, 2008.

GORDON, Flavio. *A cidade dos brights: religião, política e ciência no movimento neoateísta*. 2011. 39 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GOZZINI, Mário. *Deus está morto? religião e ateísmo num mundo em mutação*. Petrópolis: Vozes, 1970.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 32. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2018.

HARRIS, Sam. *Carta a uma nação cristã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARRIS, Sam. *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HARRIS, Sam. *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARRIS, Sam. Disponível em: <<https://samharris.org/about/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: 2. ed. Editora Vozes, 2008.

HITCHENS, Christopher. *Amor, pobreza e guerra*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

HITCHENS, Christopher. *Cartas a um jovem contestador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HITCHENS, Christopher. *Deus não é grande: como a religião envenena tudo*. Porto Alegre: D. Quixote, 2007.

HOPPER, Simon. *The rise of the 'New Atheists'*. CNN International. Washington, 9 nov. 2006. Disponível em: <www.cnn.com/2006/WORLD/europe/11/08/atheism.feature/index.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

KIRKPATRICK, Lee. *Attachment, evolution and the psychology of religion*. New York: Guilford Press, 2005.

KOSLOWSKI, Adilson; SANTOS, Valmor. Revisão do conceito de “ateísmo” na literatura contemporânea. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 59-68, 2016.

KOOP, Thomas. *Not all nonbelievers call themselves atheist: atheist and no religiou*. Pew Research Center. Washington, 2 abr. 2015. Disponível em: <www.pewforum.org/Not-All-Nonbelievers-Call-The-mselfes-Atheists.aspx>. Acesso em: 30 mai. 2019.

LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Ateísmo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.

LEWONTIN, Richard. *Mind: a brief introduction*. Oxônia: Oxford University Press, 2004.

LOIOLA, Rita. A espiritualidade sem Deus. *Revista Veja*, São Paulo, 9 mai. 2016.

LUBAC, Henri de. *L'origine de la religion: essai d'une somme catholique contre les sans-Dieu*. Paris: A Dufour, 1996.

LUCHI, José Pedro. O lugar das religiões numa sociedade pós-secular: discussão da perspectiva de J. Habermas. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da (Org.) *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

MARIANO, Francisco. Mudanças no campo religioso Brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 12-19, 2013.

MATA, José da. *Prazer e rebeldia: o materialismo hedonista de Maichel Onfray*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

McGRATH, Alister. *The twilight of atheism*. New York: Galilee Doubleday, 2006.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MICHEL ONFRAY BIOGRAPHIE. Disponível em: <<https://michelonfray.com/biographie-/non-michel-onfray-ne-soutient-pas-francois-ass?autoplay=true&mode=>>. Acesso em: 17 set. 2019.

MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2014.

MOHLER, Robert Albert Jr. *Ateísmo remix*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

MOTA, Lindomar Rocha. Neoateísmo. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 26-39, 2010.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.

NICODEMUS, Augustus. *O ateísmo cristão e outras ameaças à igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: ensaio de crítica do cristianismo*. São Paulo: Lafonte, 2017.

OLIVEIRA, Rayane Monaliza de. *O corpo em Michel Onfray*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

ONFRAY, Michel. *O ventre dos filósofos: crítica da razão dietética*. São Paulo: Rocco, 1990.

ONFRAY, Michel. *A razão gulosa: a filosofia do gosto*. São Paulo: Rocco, 1999.

ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2009.

ONFRAY, Michel. *A potência de existir: manifesto hedonista*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 2010.

ONFRAY, Michel; SATHÉL, Monica. *Cristianismo hedonista: contra-história da filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 77-86, 2010.

PEW RESEARCH CENTER. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/about/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

PEW RESEARCH CENTER. Disponível em: <<https://www.pewforum.org/2019/10/17/in-u-s-decline-of-christianity-continues-at-rapid-pace/>>. Acesso em: 13 out. 2019.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Edson Bini et al. São Paulo: Edipro, 2015.

POLKINGHORNE, John Charlton. *One world: the interaction of science and theology*. Philadelphia: Templeton Foundation Press, 2007.

PROJECT REASON. Disponível em: <<http://www.project-reason.org/>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

SANTOS, André Costa. A sabedoria do desespero ou como construir a felicidade segundo André Comte-Sponville. *Lampejo*, São Paulo, v. 17, n. 8, p. 60-70, 2015.

SANTOS, Valmor Ferreira. *Uma introdução ao movimento do neoateísmo: definições e metateses*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. O discurso religioso na sociedade pós-secular: Notas reflexivas e indícios impertinentes. In: RIBEIRO, Luiz Osvaldo; ROSA, Wanderley Pereira da (Org.) *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Academia Cristã, 2014.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

ZENK, Thomas. “Neuer Atheismus”: “new atheism” in Germany. *Approaching Religion*, v. 2, n. 1, p. 241-258, 2012.

ZENK, Thomas. *New Atheism*. Handbook Oxford of Atheism. New York: Oxford University Press, 2014.

WALDRON, Jeremy. *God, Locke and equality: christian foundations in locke’s political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. 17. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

